

Revista Teológica PERSPECTIVAS

NÚMERO 2 – ANO 1 – 2021

*Reflexões Teológicas
em Perspectiva
Ministerial*



Seminário Teológico Nazareno do Brasil

*Reflexões Teológicas
em Perspectiva
Ministerial*

EDITORES

Altiéres Augusto Lopes

Carlos Abejer

REVISÃO E FORMATAÇÃO

Altiéres Augusto Lopes

Carlos Abejer

Thiago Manchini

CAPA

Daniela Lima Manchini de Campos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
A IGREJA: AS FORMAS E O ESPÍRITO.....	6
Marco Velasco.....	6
NOSSA HERANÇA NAZARENA DISSIDENTE.....	11
Andrew J. Wood.....	11
REFORMA HOJE: AVANÇANDO COMO NAZARENOS.....	14
Williams Montague.....	14
A IDENTIDADE NAZARENA: CONSTRUÇÃO E PRÁTICA.....	16
Natanael Pinto Cardoso e Altiéres Augusto Lopes.....	16

APRESENTAÇÃO

O ambiente social contemporâneo é definido por fatores amplamente complexos. As principais características são marcadas por contrariedades e conflitos que se decompõem continuamente, gerando cenários de incerteza e riscos. A expressão desses cenários é sentida, sobretudo, na dimensão identitária. A crise atual das grandes narrativas sobre identidade, são uma clara evidencia disso. Tanto o multiculturalismo como a ação afirmativa são causa e efeito daquilo que Livio Sansone (2020) chama de “onda identitária”, que na última década tem provocado uma forte transformação e dinamização dos processos identitários no ambiente sociocultural (p. 2).

Segundo Assmann (2008), a identidade é aquela linha contínua que percorre a história do indivíduo, dando-lhe coerência, e que lhe permite reconhecer-se como sendo o mesmo. A essa concepção soma-se ao que Hall (2006) chama de “concepção sociológica”. Nesta visão, a identidade é pensada como fruto das interações entre os indivíduos. Desta maneira, resulta da conjunção entre a interioridade do sujeito e a exterioridade da sociedade (ou dos indivíduos ou grupos), com os quais estabelece algum tipo de interação (p. 84). Nessa perspectiva, o “eu” se constrói na relação com o “outro”. Isto posto, não se tem mais uma ideia de algo rígido e permanente. Para Lasch (1986), esta forma de lidar com a questão da identidade é tributária do desenvolvimento de uma ciência do homem vivendo em sociedade e também da complexificação do mundo.

Diante desses breves, porém esclarecedores apontamentos, emerge uma questão inevitável: o que deve ser prioritário, da nossa parte, para preservar a originalidade da nossa identidade denominacional?

Para responder a essa indagação, a segunda edição da Revista PERSPECTIVA apresenta diversas reflexões que nos permitem ampliar o entendimento de quem somos e como essa identidade nos define denominacionalmente, reconhecendo que somos históricos, mas não saudosistas; conservadores, mas não retrógrados; tradicionais, mas não tradicionalistas, pentecostais, mas não pentecostalistas; visionários, mas não progressistas.

Nesse espírito, convidamos você a ler, juntamente com toda a família nazarena, as contribuições que a seguir são apresentadas.

A IGREJA: AS FORMAS E O ESPÍRITO

Marco Velasco¹

(Tradução: Carlos Abejer)

A Igreja do Nazareno é uma denominação que nasceu no início do século XX, 1908 em Pilot Point, Texas. Desde então, ela vem tomando forma organizacional e institucional. Como outros movimentos humanos e religiosos, ela começou com uma estrutura mínima. À medida que crescemos e nos expandimos, estruturas organizacionais melhores e mais funcionais se tornaram necessárias.

Junto com seu crescimento, houve também o fenômeno da institucionalização inerente a toda organização humana. A questão não é se nos institucionalizaremos ou não como uma organização e movimento religioso. Ao contrário, como e em que momento devemos reconhecer que o processo de institucionalização que temos vivido desde nosso nascimento, há pouco mais de cem anos, deve ser interrompido e revertido para o bem da missão que temos como igreja de santidade?

Nossas estruturas organizacionais não são neutras ou teológicas. Devemos aceitar isto se quisermos ter estruturas dignas da natureza autêntica da igreja e de sua missão.

1. Introdução

O tema do presente artigo "A Igreja: Formas e Espírito" pode ser considerado a partir da pergunta: O que precede o quê? O que vem primeiro ou qual é o ponto de partida: as formas ou o Espírito? O ponto de partida bíblico-histórico apresentado no livro de Atos 1-2 sobre a origem da igreja nos dá uma chave para uma melhor compreensão da natureza, estrutura e função da igreja.

A promessa de Jesus a seus discípulos de que enviaria o Espírito Santo (At 1,8), nos dá a chave para entender o que aconteceu em Pentecostes (At 2). Em Atos 2, o evento da descida do Espírito sobre aqueles reunidos no Cenáculo, que deu origem e nascimento à igreja, no poder do Espírito. Atos diz: "E todos eles estavam cheios do Espírito Santo, e começaram a falar com outras línguas" (Atos 2:4 KJV60), "Mas recebereis poder, depois que o Espírito Santo vier sobre vós" (Atos 1:8 NKJV60).

Nossa pneumatologia e eclesiologia como aparece em Atos deve alimentar e condicionar as formas ou maneiras pelas quais a estrutura, ou a construção institucional de nossa organização, deve se desenvolver, tomando Pentecostes como o evento fundador da igreja. É a igreja no poder do Espírito como organismo e comunidade, com suas estruturas e funções, que é o corpo de Cristo no mundo.

Nossa denominação altamente sofisticada, organizada global e localmente, deve repensar suas estruturas organizacionais, dignas de nossa herança Wesleyana no século 21, para cumprir sua missão de proclamar a mensagem de santidade.

2. A Igreja primitiva cristã

Os processos de institucionalização se manifestaram muito cedo na vida da igreja primitiva no primeiro século d.C. Como todos os processos humanos e organizacionais, a igreja estava caminhando para a "rotinização do carisma". Isto significou o surgimento, dentro da organização, de estruturas e/ou hierarquias e menos espontaneidade e novidade. O segundo século d.C. seguiu este processo de "rotinas" que cada vez mais ofuscaram o aspecto "carismático" e dinâmico da igreja. Foi até Constantino, no século IV d.C.

Segundo Margaret Y. e MacDonald², "cartas paulinas como a primeira e segunda cartas aos coríntios são um caso do tipo de comunidade "carismática" formada nos primeiros anos ou nas duas primeiras décadas da igreja cristã primitiva. As cartas que parecem evidenciar... o processo de institucionalização e rotinas do carisma são, por exemplo, as cartas aos Efésios e Colossenses, e em uma terceira etapa aparecem as cartas pastorais (1º e 2º Timóteo e Tito) consideradas deuteropaulinas. Possivelmente, esta análise não pode ser aceita e sustentada em todas as suas implicações, mas aponta para um fato importante, que desde muito cedo uma mudança começou a ser percebida nas estruturas organizacionais da igreja primitiva, uma mudança incipiente, mas suficiente, que já traía um processo

¹ O Dr. Marco Velasco é o Vice-Reitor Acadêmico do Seminário Nazareno das Américas de Costa Rica.

² Cito Marco A. Velasco. "Influencias en las Estructuras Organizacionales Nazarenas", Conferencia Teológica, Sudáfrica, 2014. Margaret Y., MacDonald (1994). Las Comunidades Paulinas. Estudio socio-histórico de la institucionalización en los escritos paulinos y deuteropaulinos. Salamanca: SÍGUEME, p. 17-38.

de institucionalização dentro da vida da igreja".

O processo de institucionalização não é algo que pode ou não acontecer. É algo que deve acontecer desde os estágios iniciais de uma organização. A institucionalização é necessária para qualquer organização, a fim de manter seus objetivos e sua missão essencial. Entretanto, no processo de institucionalização e rotinas de 'carisma', ele pode se tornar tão sofisticado que sufocará a dinâmica e a espontaneidade, impedindo uma organização de cumprir sua missão original.

3. O projeto moderno

O projeto moderno está intimamente relacionado com a igreja protestante e com as igrejas históricas que se desenvolveram nos EUA nos séculos XIX e XX, que se estenderam por toda América Latina (Metodistas, Batistas, Presbiterianas, Igreja do Nazareno). A igreja protestante se uniu, de forma consciente ou inconsciente, ao movimento filosófico, ideológico e cultural da modernidade.

Segundo o sociólogo Max Weber, o modelo burocrático deve estruturar-se sobre as bases de certas características, alguns dos quais são: caráter legal das normas, caráter formal das comunicações, racionalidade na distribuição do trabalho, despersonalização das relações de trabalho, hierarquia bem estabelecida de autoridade, meritocracia, especialização da administração, profissionalização e previsibilidade de funcionamento³.

Sociedades modernas altamente sofisticadas adotaram o modelo weberiano de democracia com a característica notável de despersonalização, acentuada hierarquização, profissionalização e especialização. Basta dar uma simples olhada em nossas formas de organização eclesial para perceber que não estamos muito longe do modelo burocrático weberiano. Um critério para avaliar o modelo é a eficácia e a produtividade. Setores consideráveis das igrejas evangélicas sucumbiram a este modelo e a seus critérios de avaliação, resultando em uma profunda secularização da igreja e em um marcante institucionalismo. A criação da burocracia é bela e deslumbrante, parece uma gaiola dourada, mas em última análise uma gaiola na qual estamos aprisionados.

A análise weberiana considera, no entanto, a existência de uma força capaz de mudar as estruturas mais rígidas e poderosas. De acordo com Weber, o

carisma é o poder de mudança mais poderoso na esfera institucional. Weber tomou esta noção de "carisma" do antigo vocabulário cristão e o considera como a qualidade própria de uma determinada pessoa em virtude de seus dons, habilidades com as quais ela é tratada como líder. "A comunidade carismática é um grupo organizado, sujeito à autoridade carismática"⁴. Através da análise da Weber, temos uma pista sociológica que nos ajuda a entender a importância da mudança e da renovação.

Segundo Weber, para que a inovação trazida pelo "carisma" sobreviva, é necessária a "rotinação do carisma". As principais razões podem ser duas: a) os interesses e ideais nos quais o movimento persiste e b) os interesses e ideais ainda mais fortes do grupo líder no qual seu relacionamento continua. Isto significa que a partir do momento em que nasce um movimento, começa um processo conhecido sociologicamente como "rotinas de carisma".

O objetivo, ao considerarmos a análise de Max Weber sobre organizações, é vermos que a igreja como organização não está isenta destes processos sociais inerentes a qualquer organização humana. Ele nos ajuda a entender porque podemos ver manifestações de uma estrutura despersonalizada, rígida, inflexível e carente de carisma ou inovação. Também nos dá a vantagem de antecipar processos rígidos e burocráticos de organização que retêm o impulso do Espírito dentro da vida da igreja. Ajuda-nos a aceitar esta dimensão como o lado humano da igreja que está organizado de forma culturalmente condicionada (Art. XI. A Igreja. Manual 2017-21).

De acordo com Weber, o carisma é a maior força revolucionária. A estrutura institucional, por sua força cumulativa, tende a sufocar o "carisma" de qualquer instituição, seja ela secular ou religiosa. Como qualquer organização humana, a igreja seguirá um processo de institucionalização que, se não for renovado ou parado a tempo, acabará se tornando obsoleto e inoperante. Não é um exagero dizer que a estrutura institucional pode crescer ao ponto de tornar-se quase incapaz de se mover, como se fosse "um grande elefante artrítico".

4. Carisma vs Estrutura

Há também uma diferença entre o que Weber quis dizer com "carisma" e o que a Escritura indica como carisma. O primeiro é um conceito sociológico que tenta definir a dinâmica dentro das relações organizacionais entre a ordem e a espontaneidade. O

³ <http://www.monografias.com/trabajos12/burocra/burocra.shtml#MAX>. Acessado em: 29 de outubro de 2012.

⁴ Op., cit., Margaret, p. 31.

segundo conceito bíblico não é uma qualidade humana, mas a presença divina dinâmica dentro da comunidade cristã que a cria e a impulsiona.

A palavra grega "carisma" aponta em duas direções, primeiro para a graça de Deus em termos de nossa salvação que é somente pela graça; por outro lado, ela nos lembra os dons ou carismas que Deus, através do Espírito Santo, deu à igreja para realizar diferentes ministérios. Snyder está correto ao dizer que, "Carismático é um bom termo, bíblicamente baseado, e precisa ser restaurado à igreja com toda sua riqueza escriturística"⁵.

É essencial que o carisma, em seu significado bíblico, seja trazido ao centro da vida da igreja, a fim de contrariar o processo de institucionalização inerente às organizações. Devemos buscar mais conscientemente promover o significado bíblico de "carisma".

De acordo com Snyder (2005) "O modelo carismático e orgânico se distingue por sua ênfase na comunidade nas relações interpessoais, na mutualidade e na interdependência. É flexível e deixa espaço para um alto grau de espontaneidade. A Bíblia nos dá esse modelo para a igreja - o corpo humano" (p. 119). O carisma entendido sociologicamente e teologicamente é o corretivo certo para contrariar a alta estruturação e institucionalização da igreja onde quer que ela realize a missão de Deus. Pessoalmente eu privilegio o conceito bíblico-teológico do carisma, mas ele não funciona ou opera além de seu sentido sociológico. Ou, no sentido contrário, como diz Snyder: "A igreja nunca pode ser essencialmente uma instituição"⁶.

5. As organizações no avivamento wesleyano

O movimento Wesleyano foi, por um lado, uma reação à estagnação da igreja anglicana oficial, e trouxe ventos frescos para uma melhor compreensão da natureza e da vida da igreja. A igreja anglicana no século XVIII era estritamente vertical em seu governo e hierárquica em suas relações. Nem as mulheres nem os leigos tiveram qualquer participação significativa na vida da igreja.

O Renascimento Wesleyano promoveu, dentro do movimento, uma significativa "deshierarquização" em resposta à paralisia espiritual da igreja oficial. Em

segundo lugar, o movimento Wesleyano trouxe uma "democratização" significativa da estrutura da igreja. Uma consequência desta última foi a inclusão das mulheres na vida ativa da igreja, envolvendo-se na pregação ou liderando grupos (Bandas e aulas). Os leigos gradualmente, mas claramente, assumiram um papel essencial no renascimento. Alguns se tornaram pregadores e outros foram ordenados.

A liderança de Wesley, sociologicamente, pode ser claramente vista como aquele elemento carismático necessário que colocou em movimento um renascimento de dimensões globais dentro de uma estrutura eclesial altamente hierárquica. Wesley era o homem do carisma!

Wesley não hesitou em mudar o que era necessário para melhorar ou otimizar o movimento. Em "A Plain Account of Methodist People", Wesley enfrenta a questão da mudança de atividades no movimento: "Eu não entendo esta mudança contínua das coisas", alguém respondeu a Wesley⁷. O que Wesley está descobrindo intuitivamente é como alguns ajustes são funcionais para o benefício da maturidade espiritual das pessoas, e ele o descreve desta forma: "Muitos estão agora desfrutando daquela feliz experiência de comunhão cristã da qual eles não tinham ideia"⁸. Wesley considera as mudanças não uma fraqueza, mas uma "vantagem"! De fato, Wesley considerou as mudanças uma vantagem e não um problema. Uma razão é que Wesley considerou quaisquer ajustes como sendo apenas meios prudentes, não essenciais ou de instituição divina. "Dentro de nossos meios, cuidamos para que eles não se tornem formais e sem vida. Estamos sempre abertos para aprender, ansiosos para saber mais do que no dia anterior, e para mudar o que for necessário para melhor"⁹. Em que momento esquecemos isso em nossas igrejas? Que nenhuma estrutura, por melhor que possa parecer, é essencial ou de instituição divina.

Acredito que o que levou Wesley estar disposto a fazer as mudanças foi tornar o evangelho eficaz e relevante para seus contemporâneos, bem como melhorar para o benefício do povo, para sua maturidade e crescimento espiritual. "As pessoas primeiro!" é o lema de Wesley e o que permite que a estrutura organizacional não devore pessoas e carisma. Em termos organizacionais, o critério

⁵ Snyder (2005). La Comunidad del Rey. Buenos Aires: Kairós. p. 118.

⁶ Ibid, p. 119.

⁷ González, J. (1996). Obras de Wesley. Tomo V. Las Primeras Sociedades Metodistas. USA: Providence House Publisher. p. 227.

⁸ Ibid, p. 226.

⁹ Ibid, p. 227.

Wesleyano foi um critério de funcionalidade carismática. Portanto, é importante que no século 21 as estruturas organizacionais sejam constantemente revistas e contextualizadas em termos do "carisma", ou seja, do Espírito.

Wesley, em seu "Thoughts on Methodism" (1786), escreveu: "Não tenho medo de que as pessoas chamadas metodistas deixem de existir na Europa ou na América do Norte". Meu medo é que eles venham a permanecer como uma seita morta, uma forma de religião sem poder"¹⁰.

Wesley não parece estar principalmente interessado na instituição em si, mas em seu espírito ou carisma, seja entendido sociologicamente ou teologicamente, e em sua dinâmica. Vejamos agora algumas razões pelas quais os horários das reuniões foram em um determinado momento e não em outro: O que Wesley está interessado em última instância na organização do avivamento? Ele mesmo diz: "Sua essência é a santidade de coração e de vida. O que não contribui para isso seria tirado em nome do bem e da transformação da vida das pessoas. E se alguma vez o essencial evaporar, o que sobrar será escória e desperdício"¹¹. Enquanto num contexto diferente - a consagração de terras - ele pode dizer, sem qualquer hesitação, "...é hora de sermos guiados não pelo costume, mas pela Escritura e pela razão". Entenda a razão para significar senso comum.

6. O presente

Uma igreja global. A Igreja do Nazareno é uma igreja global. Isto significa que hoje estamos presentes e interligados para cumprir efetivamente nossa missão de "fazer discípulos semelhantes a Cristo nas nações" sob nossos valores fundamentais (como Povo de Deus, Povo de Santidade e Povo Missionário). O desafio que temos como igreja global é que o carisma como impulso do Espírito Santo é sempre colocado em primeiro lugar.

A necessidade de um "emagrecimento" da estrutura organizacional. Neste novo contexto pós-moderno emergente, é necessário um "emagrecimento" da estrutura organizacional da igreja. Temos um aparato organizacional muito sofisticado, em alguns aspectos funcional e em outros nem tanto. Podemos ver isso como nossas decisões vão de comitês para subcomitês, etc., para revisão e aprovação. Às vezes isso leva muito tempo. A Igreja do Nazareno, é uma organização que nasceu no

século XX sob um modelo weberiano de organização que privilegia a ordem, a hierarquia, uma hierarquia marcada, a profissionalização e a especialização, mas que agora vive em um novo século e um paradigma pós-moderno de organização que democratiza as relações. Logo, uma mudança organizacional é necessária para simplificar seus processos e democratizar suas funções como redes, e não como uma pirâmide.

Como diz Snyder, "A questão é: que tipo de estrutura melhor serve à igreja em sua vida e testemunha"¹². Não foi isto que Wesley aplicou com tanta frequência em todo o processo de renascimento metodista na Inglaterra? Sim, foi. Wesley não estaria disposto a dificultar o evangelho apenas por causa de certas formas ou padrões que a Bíblia não condena ou mesmo mandata.

Centralismo. O centralismo na tomada de decisões, os papéis hierárquicos e a paralisia funcional são alguns dos problemas que muitas de nossas congregações podem estar enfrentando. Precisamos refletir mais sobre nossa eclesiologia e sobre o que ela significa para a missão da igreja. Como alguém disse certa vez: "Se você começar com a igreja, perderá a missão, mas se você começar com a missão, sempre encontrará a igreja". Parece que tudo o que devemos é lembrar o que estamos fazendo aqui como igreja.

Operacionalidade da estrutura. Nossas estruturas devem ser eminentemente funcionais. Ou seja, eles devem servir ao propósito para o qual foram projetados em um determinado tempo e lugar. O critério de funcionalidade não é um simples pragmatismo.

Snyder oferece alguns critérios significativos:

- a. A estrutura da igreja deve ser biblicamente válida. Compatível com a natureza e a forma do evangelho e da igreja, conforme apresentado na Bíblia. Como guardamos com zelo nossos programas como tesouros sagrados e os colocamos à frente de nossas relações cristãs e companheirismo. A questão crítica é: nossas estruturas são meios que facilitam a koinonia e a missão?
- b. A estrutura da igreja deve ser culturalmente viável. Nossas estruturas devem ser compatíveis e sensíveis às formas culturais da sociedade em que se encontram para permitir a maturidade e a santidade cristã. Um de nossos

¹⁰ Ibid, p. 379.

¹¹ Ibid, p. 382.

¹² Op. Cit., Snyder, p. 229.

erros denominacionais foi - e ainda é a nível local em muitos lugares - a transplantação de estruturas eclesiais de um lugar e cultura para outro. Este não é um fator que deve receber atenção prioritária onde quer que a congregação da Igreja do Nazareno esteja localizada?

- c. A estrutura da igreja deve ser temporariamente flexível. Ela deve estar aberta a modificações, pois a mudança das circunstâncias exige a saúde da igreja e a maturidade cristã. A socióloga Nancy Ammerman elaborou um estudo onde constatou que as congregações que se adaptam às mudanças na comunidade vizinha têm mais probabilidade de sobreviver e ser mais eficazes em seu trabalho e missão. Assim como uma cultura muda, seja global ou localmente, serão necessárias mudanças na forma de funcionamento da igreja, tanto em suas estruturas institucionais quanto em seus processos. Tais mudanças devem ser congruentes com nossa teologia e mensagem de santidade. O fenômeno da globalização, por exemplo, exige que pareçamos "glocal". Ou seja, situar-nos em nosso contexto local, olhando para um mundo que se globalizou.
- d. Viabilidade ético-teológica. Wesley nunca separou sua teologia da prática eclesial e pastoral. Justo Gonzalez diz das primeiras sociedades metodistas: "Wesley concebeu a organização em termos de missão e não o contrário". Repetidamente o veremos ajustando a organização para responder a uma nova necessidade ou situação"¹³. Um exemplo muito interessante disso foi o que deu origem a uma dinâmica revolucionária nas "classes" que se formaram no renascimento metodista.

7. Conclusão

As estruturas organizacionais não fazem da igreja a igreja. As estruturas organizacionais são apenas um meio que, renovado e funcional, se configura como um modo extraordinário para cumprir a missão da igreja. Entretanto, não devemos esquecer que o recurso mais importante na igreja não são seus recursos materiais, mas o Espírito e os recursos humanos. A igreja é gente. Cristo não morreu por uma organização, mas por pessoas.

Estou convencido de que nossa falta de crescimento e estagnação da igreja em algumas

partes do mundo tem uma razão na área da estrutura organizacional. Embora não seja o único motivo de possível estagnação, devemos lembrar o que Jesus disse à geração de seu tempo sobre o novo vinho e os odres velhos quando lhe perguntaram: "Por que os discípulos de João jejuam com freqüência... mas os seus comem e bebem? (Lc 5,33). Jesus respondeu: "E ninguém põe vinho novo em odres velhos"; caso contrário, o novo vinho vai quebrar os odres de vinho e derramar, e os odres de vinho serão perdidos. (Lc 5,37).

A estrutura nunca foi e nunca será a essência da igreja como o corpo de Cristo. É um lado humano e, embora importante, é mutável. Nós nos organizamos através de estruturas culturalmente condicionadas.

Para renovar nossas estruturas, precisamos voltar a uma noção bíblica de carisma. Precisamos estabelecer que a igreja, o corpo de Cristo, é uma comunidade carismática, lembrando que o "modelo carismático e orgânico se distingue por sua ênfase na comunidade, relações interpessoais, mutualidade e interdependência"¹⁴.

Onde estamos, em qualquer área do ministério, sejamos administradores das mudanças no nível institucional que são necessárias para fazer a renovação que nossas igrejas precisam, para que cumpramos fielmente a missão da igreja e permaneçamos fiéis à nossa tradição Wesleyana de inovação e funcionalidade de nossas estruturas.

Recordemos o que John Wesley escreveu: "Não tenho medo de que as pessoas chamadas metodistas deixem de existir... Meu receio é que eles venham a permanecer como uma seita morta, como uma forma de religião sem poder" John Wesley (1786).

¹³ Op., Cit., González, Tomo V, p. 5.

¹⁴ Op. Cit. Snyder (2005), p. 119

NOSSA HERANÇA NAZARENA DISSIDENTE¹

Andrew J. Wood²

(Tradução: Altieres Augusto Lopes)

Quando olhamos para as diferenças do presente e do passado, devemos ter a clareza e o cuidado de não exagerar sobre os motivos pelos quais os cristãos do passado tinham determinadas práticas e crenças. Em outras palavras, por que eles achavam que esta ou aquela questão era importante? Tentar compreendê-los já é, por si só, motivo suficiente para realizar o nosso trabalho. No entanto, com essa atitude, também esperamos que isto nos ajude a compreender a nós mesmos e a nossos irmãos do presente.

Como podemos classificar a Igreja do Nazareno? No nível mais simples ou mais amplo, os nazarenos são cristãos. Em segundo lugar, os nazarenos fazem parte de uma grande família de igrejas cristãs protestantes. Mais especificamente, somos protestantes evangélicos; muito da identidade nazarena, histórica e atualmente, é uma identidade compartilhada com os cristãos evangélicos através dos tempos e ao redor do mundo³. Entre os protestantes evangélicos, somos evangélicos wesleyanos. Ou seja, pertencemos à família de igrejas que olham para John e Charles Wesley e o avivamento evangélico na Inglaterra como um marco histórico de quem somos. É neste nível de especificidade - que os nazarenos são wesleyanos evangélicos - que nos deparamos com um problema chave em nossa autocompreensão e, especialmente, em nossa terminologia. Historicamente, há outra palavra para igreja que é: 1) Protestante, 2) Evangélica e 3) Wesleyana. E eis uma palavra que os nazarenos raramente usam, a saber, metodista.

Por que não usamos “Metodista” como uma descrição de quem somos? Muitos, talvez até a maioria dos seguidores de Wesley na Grã-Bretanha e na América (e em grande parte do mundo) ainda se denominam metodistas. Acredito que isso se deve, em grande parte, ao fato de preferirmos nos rotular como

Igreja de Santidade e, na maioria das vezes, fazemos isso precisamente para nos distinguir do Metodismo tradicional ou de linha principal, que rejeitava as ênfases do Movimento de Santidade.

Sejamos francos. Os nazarenos têm uma relação tensa com o metodismo de linha principal. Muito da compreensão que temos como nazarenos provém, especificamente, da comparação com o Metodismo. No entanto, enquanto nos descrevemos como evangélicos, wesleyanos e de santidade, podemos estar perdendo a oportunidade de pensar mais claramente sobre como nos tornamos o que somos, bem como, sobre o impulso histórico da missão e da identidade nazarenas. Dentro da família das igrejas cristãs, somos mais bem compreendidos como uma igreja dissidente dentro da tradição metodista. Ou seja, estamos dentro da família Metodista; dentro dele, discordamos ou divergimos de eventuais ênfases do Metodismo “principal” (a Igreja Metodista Episcopal e a Igreja Metodista Episcopal do Sul e, agora, a Igreja Metodista Unida).

Tentar compreender os nossos irmãos cristãos do passado é motivo suficiente para realizar o nosso trabalho. No entanto, também esperamos que isto nos ajude a compreender a nós mesmos e a nossos irmãos do presente.

Não somos a ala dissidente; não estamos sozinhos na discordância. Por exemplo, temos um terreno comum (e em grande parte inexplorado) de dissidentes com as Igrejas Metodistas Afro-Americanas e uma semelhança familiar, especialmente próxima, com a Igreja Wesleyana e a Igreja Metodista Livre, como igrejas dissidentes do Movimento de Santidade dentro da tradição/família Metodista. Há uma longa história de dissidência intra-Metodista, marcada não apenas pelos debates dentro do Metodismo de linha principal, mas também pela lista de igrejas que “saíram” do

¹ Revista *Grace and Peace* - Uma Revista Dialógica para o Clero Nazareno. Data da publicação: 28 de maio de 2014.

² O Dr. Andrew J. Wood foi conferencista de Estudos Wesleyanos e História da Igreja no United Theological Seminary em Dayton, Ohio.

³ “Evangélico” tem muitos significados historicamente. Os autores dos quatro Evangelhos são conhecidos como “Evangelistas”, pois a palavra grega para evangelho é a palavra original da qual derivam as palavras em inglês “evangélico”, “evangelismo”, etc. No entanto, há também uma ancoragem protestante ao termo. Por exemplo, a maior seita luterana nos EUA é chamada de Igreja Evangélica Luterana na América (ELCA), embora o termo “evangélico” em seu uso americano posterior normalmente não inclua a família luterana de igrejas. A teologia evangélica, em alguns casos, se refere à teologia dos principais reformadores protestantes, talvez especialmente a de Lutero e Calvino. Mais comumente, evangélico se refere à ampla gama de igrejas cuja herança é protestante e rastreável ao Grande Despertar ou Reavivamento Evangélico do século 18, incluindo o ministério evangélico de John e Charles Wesley.

Metodismo de linha principal, buscando ser mais Metodistas do que os Metodistas de linha principal.

Vemos isso claramente em Phineas F. Bresee, o primeiro superintendente geral da Igreja do Nazareno, e B. F. Haynes, o primeiro editor do *Herald of Holiness*. Bresee e Haynes não rejeitaram o metodismo. De 1857 a 1894, Bresee foi ministro da Igreja Metodista Episcopal (37 anos). De 1873 a 1911, Haynes foi ministro da Igreja Metodista Episcopal do Sul (38 anos). Não, do fundo de seus corações, eles não rejeitaram o Metodismo! Em vez disso, eles acreditavam que a Igreja do Nazareno seria o que o Metodismo tradicional disse que era e tinha sido, mas não era mais.

A melhor maneira de identificar as origens nazarenas é a partir das discordâncias internas do Metodismo. Se os nazarenos no início de 1900 não pudessem mais reconhecer o impulso principal do metodismo na América, eles ainda poderiam encontrar modelos históricos e atuais de piedade dentro dele. Além de John e Charles Wesley, poucos teriam duvidado da piedade do Bispo Francis Asbury, E. M. Bounds ou E. Stanley Jones, que viveram e morreram como Metodistas. Os nazarenos, então, conheceram e trabalharam com metodistas dissidentes que permaneceram dentro do mundo metodista de linha principal. É irônico então - com os nazarenos se propondo a ser mais metodistas do que os metodistas tradicionais - que hoje, muitas vezes, parecemos incapazes nos entender (ou não queremos) como membros da ampla família metodista. A doutrina Nazarena foi claramente moldada pela doutrina Metodista, e é aqui que a palavra “Wesleyana” se torna a descrição mais apropriada da identidade nazarena. Da graça preveniente à expiação universal e à perfeição cristã, nossa doutrina foi profundamente embebida nas crenças Wesleyanas e/ou Metodistas (incluindo aquelas do Movimento de Santidade, que obviamente estavam imersas no Metodismo do século 19). Muito tem sido escrito sobre a teologia Wesleyana da Igreja do Nazareno, e com razão.

Na política e na missão, no entanto, as semelhanças com a família metodista são especialmente fortes e amplamente desconhecidas. Comumente se descreve o governo nazareno como uma mistura de governo episcopal e congregacional. Isso é enganoso e, a princípio, impreciso, senão simplesmente incorreto. O governo nazareno é na base

e, mais fundamentalmente, um governo metodista. Modificado em certos elementos congregacionais específicos - mais particularmente na chamada de um pastor e na correspondente falta de nomeação e de itinerância.

No entanto, a nossa superintendência ou implicados é muito metodista e, de certa forma, mais Metodista do que a Igreja Metodista Unida hoje⁴. Temos superintendentes gerais itinerantes que são eleitos pela assembleia geral, viajam por toda a igreja e presidem a toda a igreja. Não temos episcopado diocesano (onde os bispos são eleitos por uma área específica e apenas presidem/viajam nessa área definida como, por exemplo, a Igreja Episcopal). Equilibramos a representação leiga e do clero em órgãos de tomada de decisão. Nos encontramos quadrienalmente em nível geral (de 1928 a 1980 nos encontramos nos mesmos anos que a Igreja Metodista de linha principal, a Igreja Episcopal Metodista Africana e a Igreja Episcopal Sião Metodista Africana). Reunimo-nos anualmente a nível Distrital (distritos Nazarenos combinam as funções de distritos Metodistas Unidos e conferências anuais).

Existe uma tradição Wesleyana/Metodista de política e ministério, não apenas uma tradição de doutrina Wesleyana/Metodista. Em vez de uma fusão de políticas episcopais e congregacionais, acredito que uma caracterização mais precisa de nossa fusão é que os nazarenos são basicamente metodistas na política, mas decididamente mais “igreja livre” e democráticos em sentimento e cultura. Isso se encaixa na maioria dos grupos dissidentes na história metodista que modificou sua política para ser mais aberta e menos autocrática do que o Metodismo tradicional (por exemplo, a Igreja Protestante Metodista, a Igreja Wesleyana, a Igreja Metodista Livre e até mesmo os Irmãos Unidos Evangélicos). O Metodismo de linha principal elege seus bispos de forma vitalícia; os superintendentes gerais nazarenos cumprem mandatos, enfrentam reeleição e têm limites de idade para seus serviços, mas cada um como uma “igreja livre”, com uma emenda democrática, ao que é basicamente um sistema metodista.

Os primeiros nazarenos estavam tentando recriar as melhores características do Metodismo “primitivo” ou antigo: a ênfase no evangelismo e na santificação, um clero e superintendência móveis e com elevados padrões morais. Eles deixaram para trás aquelas partes

⁴ Os Metodistas Unidos agora elege os seus bispos apenas por “jurisdição” - semelhante às regiões do Nazareno - e esses bispos apenas viajam e presidem dentro dessa jurisdição. O Metodismo antes de 1939 tinha uma superintendência geral itinerante que a Igreja do Nazareno mantém. A maioria das igrejas metodistas (por exemplo, a igreja AME) manteve-se amplamente com a teoria da superintendência geral itinerante do episcopado herdada do Metodismo de linha principal pré-1939.

do Metodismo, que lhes não favoreciam: mundanismo, bispos que maltratavam o clero que não gostavam, por meio do sistema de nomeação, rejeição da doutrina de santificação de Wesley, e assim por diante. Os primeiros nazarenos estavam tentando "acertar" as coisas por meio do que Bresee chamou de "santidade organizada". Isso encorajou e exigiu uma discussão contínua, amplamente realizada através das páginas da revista denominacional, o *Arauto da Santidade*. A paixão e zelo dos primeiros nazarenos eram precisamente por esta conferência santificada, por este Metodismo mais "Metodista".

O Metodismo tem uma longa tradição de membros que temiam que os metodistas tivessem rejeitado o poder espiritual, se perdido e que precisassem voltar à piedade de seus dias anteriores. Na história metodista, essas pessoas são chamadas de "resmungões"⁵. Os nazarenos são herdeiros desta tradição. Não deveríamos nos surpreender quando encontramos nazarenos usando o mesmo argumento hoje - que os nazarenos se perderam e precisam voltar à piedade dos dias anteriores. Esta é uma semelhança familiar do Metodismo (e do Protestantismo em geral).

Nós, nazarenos, temos isso em nosso sangue. Somos idealistas. Queremos uma igreja santa. Queremos que a nossa igreja seja tudo o que deveria ser. Em muitos de nossos debates, todos argumentam que devemos viver de acordo com ideais elevados - apenas discordamos sobre como seria isso ou como chegar lá.

Isso também não é surpresa - pelo menos não para um historiador da igreja! Uma igreja comprometida com ideais elevados e uma grande missão, tem mais probabilidade de ter argumentos do que outra que tem pouco idealismo ou compromisso missionário. Somos uma igreja de idealistas nascidos de uma tradição metodista que cresceu rapidamente e espalhou o evangelho ao redor do mundo - enquanto discutia vigorosamente consigo mesma! Somos melhor entendidos como uma igreja dissidente dentro da tradição metodista. Podemos ser mais do que isso, mas não menos. Nisso, não estamos agora e nem nunca estivemos sozinhos. Existem muitas testemunhas vivas desta tradição entre nós e também há muitas em outras igrejas. Ademais, há uma grande quantidade de testemunhas que seguiram em direção a recompensa, entre elas está Phineas Bresee.

⁵ John H. Wigger, *Taking Heaven by Storm: Methodism and the Rise of Popular Christianity in American* (Nova York: Oxford University Press, 1998), 181. Wigger diz: "Tão comuns eram as reclamações sobre o zelo perdido do Metodismo americano que os dissidentes se tornaram conhecidos pelo rótulo amplamente conhecido de resmungões". Ele continua dizendo: "Os resmungões metodistas estavam preocupados com a convicção de que em meio ao grande sucesso do Metodismo, 'nós nos tornamos um povo muito diferente de nossos Pais... caímos de sua piedade e virtude exemplares, e de sua consideração para com Deus'"

REFORMA HOJE: AVANÇANDO COMO NAZARENOS¹

Williams Montague²

(Tradução: Altiéres Augusto Lopes)

Costumamos ensinar que o período da Reforma terminou no final dos anos 1700, quando a separação entre igreja e estado passou a ser vista como um poderoso e preferido ideal dentro da imaginação e estruturas políticas ocidentais. Curiosamente, no entanto, existem aqueles que incluem a Reforma Protestante como, meramente, a primeira metade do “período moderno”³. Embora isso seja certamente discutível, penso que um resultado útil sobre essa perspectiva é a maneira como ela reformula nosso papel na vida da igreja universal. Em última análise, essa perspectiva sugere que a obra da reforma na vida da igreja não terminou.

E isso é algo que podemos aproveitar como participantes na Igreja do Nazareno. Assim como Wesley e os chamados Metodistas no século 18 procuraram continuar o trabalho da reforma em seus dias, os nazarenos, no início do século 20, reuniram um movimento de cristianização do Cristianismo, através da busca de um coração sincero e de uma fé cristã socialmente ativa promovida na teologia wesleyana.

Mais de cem anos depois, nos encontramos como uma denominação de muitas línguas, de diversas expressões culturais e de experiências de vidas leais e unidas num mundo de rápidas mudanças. Isso é algo que celebramos. Pois, reflete aspectos da fidelidade da denominação ao longo de nossa história relativamente curta. No entanto, tal diversidade pode tornar as decisões difíceis, se não nos prepararmos para os próximos anos, discernindo teologia e prática. Neste breve artigo, ofereço três sugestões à medida que avançamos na continuação do trabalho de reforma.

1. A identidade nazarena de Jesus

A primeira sugestão é explorarmos como o retrato das Escrituras da identidade nazarena de Jesus pode moldar nossa missão como nazarenos. A origem do nome de nossa denominação remonta à congregação fundada por Phineas F. Bresee e outros, em 1895 em Los Angeles. J. P. Widney, parceiro de Bresee no ministério, explicou que o nome Igreja do Nazareno

enfatizaria o compromisso da igreja de se identificar com o ministério humilde e laborioso de Jesus, o Nazareno.

O propósito principal de rotularmos dessa maneira, era o de formar um grupo de cristãos que vivessem de maneira tal que refletisse o significado de Jesus ser de Nazaré - uma cidade associada a comunidades pobres e marginalizadas.

Encontramos, em João 1.46, uma conversa entre Filipe e Natanael, na qual este fica surpreso ao ouvir que o Messias que eles esperavam é Jesus de Nazaré. Sua reação foi: “Nazaré! Pode vir alguma coisa boa daí?”. O que torna a pergunta de Natanael significativa para a narrativa do evangelho de João é que a resposta não é apenas se coisas boas podem vir de Nazaré, mas que a própria definição de algo bom é revelada ao mundo por meio de uma vida formada em Nazaré. Deus nos oferece “o caminho, a verdade e a vida” por meio de Nazaré. Somos a igreja do Messias, que vem de uma região que se deseja evitar; uma região desprezada e considerada o lado errado dos trilhos.

Não é surpreendente que Jesus buscou ajudar seus seguidores a entender que o Evangelho está ligado às esperanças, perspectivas e necessidades das pessoas esquecidas, oprimidas e envergonhadas.

Nossa denominação poderia ter recebido o nome de um líder influente, mas os primeiros nazarenos escolheram um nome que tem o potencial de nos ajudar a permanecer focados na missão do Reino enquanto navegamos por novas questões que certamente surgirão. À medida que avançamos, pode nos ser útil refletir sobre isso.

2. Parceria com outros grupos no Corpo de Cristo

A segunda sugestão é fazer parceria com outros grupos e denominações no Corpo de Cristo. Isso é simples e pode acontecer de várias maneiras, como refeições compartilhadas, interesses comuns, projetos de serviço e reuniões de adoração. Experimentei uma parceria ecumênica única durante minha primeira designação pastoral.

¹ Publicado na Revista *Holiness Today* em 05/13/2021.

² O Dr. Williams Montague é Professor Associado da Igreja, Cultura e Sociedade na Point Loma Nazarene University em San Diego, Califórnia.

³ Por exemplo, veja Sally Bruyneel e Alan G. Padgett, *Introducing Christianity*. Maryknoll, NY: Orbis Books. 2003.

Um grupo de pastores e líderes leigos de congregações próximas se reunia mensalmente em um cinema local no meio da semana para assistir e discutir um filme de sua escolha. Por causa do dia e da hora, o custo era baixo, e o grupo podia ficar no teatro com as luzes acesas por uma hora após o término dos créditos. As discussões eram animadas e interativas e levavam a reflexões sobre relacionamentos, questões da sociedade e interpretações sobre o sentido da vida.

A maioria das conversas destacava áreas de compreensão mútua, prática e esperança. Durante os momentos de desacordo sobre questões e diferenças teológicas, o facilitador orientava os participantes a valorizarem o diálogo e a parceria mútua no discipulado cristão.

É certo que a parceria com outros grupos pode parecer uma forma estranha de continuar o trabalho da reforma, visto que os estudos sobre a reforma muitas vezes apontam para divisões e desvios na história da igreja. No entanto, dividir a igreja não era o objetivo final dos reformadores. Em vez disso, eles estavam procurando ajudar a igreja universal a se tornar mais fiel. Hoje, podemos experimentar a reforma como um lembrete de como a nossa história denominacional está muito ligada e, até dependente, das histórias de outras denominações.

Construir relacionamentos intencionais com outros cristãos pode ser uma forma de abraçar nossa afirmação do Credo Niceno: “Eu creio na única, santa, católica e apostólica igreja”. Nesse ponto, somos inclinados a lembrar daquilo que John Wesley chamou de “espírito católico”, que pode ser resumido como um compromisso ativo, tanto para entender as nuances doutrinárias da própria tradição, quanto para estar em amor [comunitário] com outros cristãos de opiniões divergentes⁴. Isso não é tarefa fácil, mas é vital para continuar o trabalho de ajudar a igreja a viver mais fielmente o seu chamado.

3. Abraçando nossa identidade como uma igreja global

A terceira sugestão é que crescamos em nossa identidade como igreja global. Pela primeira vez na história da Igreja do Nazareno, a maioria dos seis Superintendentes Gerais falam vários idiomas e representam ambos, a educação e o ministério, fora dos Estados Unidos. Este é um momento único. Muitos comentários comemorativos, compartilhamentos e “curtidas” expressos nas redes

sociais celebram esse momento histórico, mas é importante que consideremos o que vem a seguir.

Ser uma igreja global não se refere apenas à localização de nossas congregações, ou mesmo a formação de nossos líderes eleitos, embora inclua essas coisas. Ser uma igreja global também diz respeito a como praticamos nossa fé cristã diária, priorizamos nossa cidadania no Reino de Deus e crescemos nos relacionamentos uns com os outros.

À medida que avançamos, devemos continuar a desenvolver um senso de mutualidade entre as culturas e contextos globais. Isso inclui a construção de parcerias mútuas de serviço e aprendizagem nas congregações, em vez de viagens missionárias unidirecionais. E, a inclusão intencional de histórias e percepções de diversas culturas e contextos nos sermões. Isso permite que os ouvintes contemplem as contribuições práticas e teológicas singulares de Nazarenos em contextos diferentes.

Significa examinar atentamente nossa teologia, práticas e políticas para garantir que estamos enfatizando o desejo de crescer em nosso relacionamento uns com os outros como pessoas igualmente valiosas aos olhos de Deus.

No mínimo, significa reservar um tempo, como congregação, para celebrar o quanto crescemos em nossa identidade como igreja global. Deus continua nos guiando para refletir o objetivo final de reunir pessoas de “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7.9).

4. Mantendo o foco da reforma

Manter o foco na reforma nos lembra que o Espírito Santo nunca parou de formar uma comunidade de adoração em diferentes culturas, lugares e gerações. Com o nosso compromisso de santidade moldado pelo Caminho de Jesus de Nazaré e o enlace de uma igreja global, trazemos contribuições significativas para uma família cristã mais ampla.

À medida que continuamos a obra da reforma, nosso objetivo como nazarenos não é competir com o resto do Corpo de Cristo, mas participar [juntos] na busca de sermos fiéis ao chamado de Deus à igreja. Que possamos seguir em frente como pessoas globais e parceiras que lembrem a igreja e ao mundo que Deus revelou o caminho, a verdade e a vida por meio de Alguém que foi moldado pela identificação com o povo de Nazaré.

⁴ Veja a obra de John Wesley “Espírito Católico”.

A IDENTIDADE NAZARENA: CONSTRUÇÃO E PRÁTICA

Natanael Pinto Cardoso¹ e Altiéres Augusto Lopes²

Em pleno século XXI, qual o sentido em pertencer a grupos e instituições religiosas que são organizados a partir de uma identidade própria que condiciona sua prática, preservação e reprodução?

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os processos identitários de indivíduos e de coletividades, a fim de que isto sirva de subsídio para a compreensão do fato de alguém se unir à Igreja do Nazareno e cumprir com os seus propósitos de existência. Esta reflexão leva em consideração não somente o protagonismo histórico que o indivíduo e suas ações foram tomando ao longo dos últimos 600 anos, mas também traz uma análise da atuação intencional de Deus na vida de sujeitos e de coletividades para o cumprimento de sua missão.

O estudo da formação das identidades individuais e coletivas através da proposta do Evangelho de Jesus Cristo e da necessária associação à comunidade dos santos – a Igreja – deve contribuir para que a Igreja do Nazareno não seja vista apenas como mais uma estrutura organizacional humana ou uma corporação administrativa com fins sociais; ela deve levar à inclusão no corpo do qual Jesus disse “*as portas do inferno não prevalecerão contra ela*” (Mateus 16.18).

1. A identidade pessoal

Para um indivíduo, o fato de saber quem é, ter consciência de sua identidade pessoal, torna-se essencial para sua existência. Isto é tão importante ao ponto de a medicina moderna estudar o comportamento individual e descobrir patologias que atingem diretamente a autoimagem, e por consequência, a alteração de conduta por perda de referências.

A consistência nas reproduções dos comportamentos adquiridos de um indivíduo possibilita reconhecer que ele constrói uma identidade voltada para relacionamentos com o mundo social em

todas as suas dimensões. As suas atitudes são a síntese dos valores morais, normas, costumes e regras sociais formuladas e manifestadas ao longo da vida.

Moresco e Ribeiro (2012) apresentam a concepção de identidade segundo a análise de Stuart Hall que aborda a identidade a partir de um processo histórico:

O autor também destaca em sua obra *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2003) três distintas concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. A primeira compreende a pessoa humana como indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. Possuidor de uma identidade que surge no nascimento e permanece a mesma ao longo da vida. A segunda envolve um indivíduo cuja identidade não é autossuficiente e centrada, mas formada na relação com outras pessoas, mediadoras de outros valores, sentidos e símbolos. Aqui a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade. A concepção do sujeito pós-moderno, entretanto, abarca um sujeito sem uma identidade fixa, essencial ou estável. É, portanto, formada e transformada histórica e continuamente de acordo com a cultura que permeia o indivíduo.

Na literatura bíblica é comum encontrar pessoas com o nome associado a algum aspecto de personalidade ou de pertença a alguma região, grupo ou filiação. Isto tem implicações sociais: é necessário pertencer a algum lugar, ser filho de alguém, ser membro de algum grupo caracterizado por práticas ou funções. A valorização da identidade individual é coisa recente nas sociedades. Em boa parte da história, o indivíduo fez parte da massa e não tinha autoridade para projetar sua subjetividade frente ao grupo. As mulheres foram grandes vítimas desta forma de organização das relações. Elas praticamente foram consideradas objetos de uso dos seus “donos” por épocas muito avessas à valorização das pessoas e suas ideias. Jesus e seu Evangelho, bem como os apóstolos, mudaram isto, restaurando sua dignidade ao dar atenção ao que elas têm a dizer, insistindo na

¹ Natanael Pinto Cardoso é Reitor do STNB. Foi Coordenador de Educação Teológica para Portugal e Europa Sul. Superintendente Distrital no Distrito Portugal Norte e Pastor da Igreja Evangélica e Missionária de Olhão no Algarve. Possui Mestrado em Ciências da Religião. Mestrado em Sociologia e Especialista em Formação de Formadores. É Licenciado em Sociologia e formado em Teologia pelo STNB.

² Altiéres Augusto Lopes é Vice-Reitor Administrativo do STNB. Tem experiência como analista de RH, especialista em Sistemas. É Pós-Graduado em Sociologia. Possui Licenciatura em História e em Música. É Graduado em Sistemas de Informação e em Formação Ministerial e Teologia pelo STNB.

monogamia, em valorização à sua singularidade, e incluindo-as no serviço da igreja.

Alguns estudiosos (VELHO, 2000; PERRUSI, 2009) relacionam o movimento social e religioso da Reforma Protestante com a valorização do indivíduo na sociedade, isto porque a ênfase era colocada na relação direta do indivíduo com Deus através de Jesus Cristo. Isto mudava drasticamente a posição da pessoa; de parte de uma coletividade sólida em que ela não poderia ter nenhum protagonismo devido à dominação religiosa, política e social, para a possibilidade de manifestação individual perante aquela “entidade” que só o padre ou o Papa tinham acesso: Deus, o todo poderoso.

O iluminismo valorizou o “indivíduo soberano” de tal forma que a razão dele se tornou o centro da realidade, ou da construção dela. As autonomias individuais foram sendo pouco a pouco promovidas, resultando em uma margem de manobra cada vez maior de indivíduos que influenciaram verdadeiras mudanças sociais, econômicas e religiosas. Definitivamente a valorização do indivíduo é produto da modernidade, no entanto, em algumas culturas ainda não há lugar para a expressão individual de todos os aspectos da identidade.

Zanata (2011) ao tratar da relação entre a Sociologia e a Identidade, traz uma reflexão de Giddens:

Da mesma forma, Giddens (2002) não só atribui o tema da reflexividade à modernidade, como também o elege como o ponto central em sua teorização. Para o autor, a reflexividade na modernidade estende-se ao núcleo do eu, isto é, o eu é fruto de um processo reflexivo. Diferentemente do que acontecia nas culturas tradicionais, quando as coisas permaneciam no nível da coletividade, e a mudança de identidade era assumida através dos ritos de passagem.

As identidades são muito importantes para as relações sociais e o equilíbrio das expectativas comportamentais. Identidades há muitas e seus processos de representação e reprodução são muitas vezes complexos. Há diversas abordagens nas concepções teóricas sobre a identidade e a sua construção, alguns a consideram como uma característica que se adquire e pelo seu caráter tão importante, é fixo, permanente e estável. Outros já são mais abrangentes concebendo a construção da identidade como um processo permanente e fluido, o qual inclui agregações de diferentes origens, o que possibilita as mudanças com o tempo. Nesta perspectiva o indivíduo já não é a mesmo de 5 ou 10 anos atrás.

Mariana Zanatta (2011), apresenta o Interacionismo Simbólico como responsável por explicar as interações sociais, não apenas como respostas pré-determinadas pelo grupo a estímulos também já formatados, mas um conjunto vasto de possibilidades em que o indivíduo capacitado racionalmente elabora, pela linguagem, significados diferentes a estas ações e espera que o outro os intérprete e haja reciprocamente. Se os significados das ações sociais são negociados, isto representa uma grande oportunidade para ressignificar as mesmas ações.

A reza estática na antiga religião transforma-se em oração espontânea, a qual o pietismo vai incorporar à sua prática para determinar sua própria identidade. No entanto, partir do princípio de que o homem cria todos os sentidos para as ações e isto permanentemente, é dar a ele um protagonismo na construção de sua própria identidade e desconsiderar as influências externas conjunturais ou estruturais. Alguém é alguém ou alguma coisa sempre por decisão própria? Ou o meio tem algum peso nesta decisão? Este é um velho debate.

Seja como for, a identidade de alguém é fundamental para diferenciar-se, distinguir-se, juntar-se, excluir-se e situar-se no oceano de pessoas e situações à sua volta. Ela protege a individualidade quando estrutura internamente certos valores morais e sociais pelos quais uma pessoa constrói seus relacionamentos e orienta suas expectativas.

A subjetividade e a reflexividade estão implicadas na imagem e semelhança de Deus na natureza humana. Ninguém é alguém para o outro se não for primeiro para si. É certo que há diversas influências na construção da autoimagem, no entanto, a ciência do desenvolvimento humano (MUNARI, 2010) reconhece que em determinada altura a heteronomia começa a ser ameaçada pela consciência do EU, e é esse EU que se manifesta inicialmente para si mesmo e posteriormente para o outro.

A relação entre sujeito e ambiente ou espaço de vida na construção da identidade é uma discussão antiga na Sociologia. A Psicologia Social é a irmã desta ciência que analisa as influências do grupo sobre a formação da identidade pessoal a partir do coletivo. São os papéis sociais que também terão importância nesta discussão, pois para a sociedade alguém é alguém, alguma coisa ou faz alguma coisa. Sendo assim, e para a Sociologia, a melhor forma de compreender a relação entre o indivíduo e seu contexto na formação da identidade é estruturar as

teorias do processo de socialização, como o caminho de aquisição por parte do indivíduo das regras, normas e costumes do grupo para construir o seu EU. É na família nuclear e alargada que o indivíduo percebe o mundo e é convidado a reagir a ele. Seja na solicitação de sorrisos de um bebê, como no convite para andar sozinho até os braços do pai, como nas orientações de utilização correta dos objetos e acessórios que inundam nossa vida diária.

2. A influência da identidade coletiva para o indivíduo

Muitos concordam com o fato de que a identidade de uma pessoa não é fruto apenas de uma capacidade interior, tem a ver com características genéticas e das contribuições do meio social no qual ela vive. Este meio pode ter maior ou menor influência dependendo da estrutura do indivíduo em lidar com as imposições da realidade externa, no entanto, como toda planta retira do seu meio condições para “ser”, o indivíduo também adquire do seu grupo social elementos contextuais para a construção de sua identidade.

Significar as ações sociais e assumir papéis sociais são expressões derivadas da teoria sociológica sobre a influência do coletivo na constituição do indivíduo. Os conceitos de self encontrado em George Mead (CASAGRANDE, 2016) e *Habitus* encontrado em Pierre Bourdieu (SETTON, 2002) indicam o protagonismo necessário do grupo social na construção do caráter e prática social do indivíduo. Esta perspectiva perpassa várias correntes teóricas, no entanto as diferenças estão mais relacionadas à forma e extensão da influência do coletivo sobre o indivíduo. O próprio fato de designar o indivíduo como sujeito dá a ele uma agencialidade nas ações sociais, no entanto estudos revelam que certas escolhas dos indivíduos podem revelar mais as determinações de uma comunidade do que propriamente o fruto da ação do livre arbítrio.

É Claude Dubar, segundo Zanata (2011), que, ao analisar o processo de construção da identidade, leva em consideração tanto as características individuais quanto o peso da comunidade. Assim sendo trabalha com a identidade atribuída quanto adquirida:

Dubar (2001, 2005) também aponta que para chegar às formas identitárias é preciso iniciar a aproximação através das representações ativas, isto é, dos indicadores que estruturam o discurso dos indivíduos sobre suas práticas sociais especializadas, sobre a aquisição de um saber legítimo que possibilita a afirmação de uma identidade reconhecida.... Assim, a identidade, tanto a atribuída quanto a adquirida pelo sentimento de pertencimento, é assimilada no processo de interação. Cada pessoa é

identificada por outra no interior das esferas de que participa. Os papéis, como resultado da rotulagem, representam as instituições. No entanto, ocorre ao mesmo tempo um processo subjetivo que, para Dubar (2005), é o que possibilita falarmos de uma negociação identitária para a construção de identidades sociais.

As identidades coletivas como um fenômeno consequente da necessidade da vida em comunidade têm um grande papel no desenvolvimento da identidade individual. Paulino-Pereira (2014, p. 59), trata esta identidade coletiva dizendo:

[...] é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em um determinado tempo/espaco entre indivíduos e/ou grupos que organizam sua vida cotidiana em torno de atividades semelhantes, tendo como base um conjunto de significados compartilhados, próprios de sua cultura [...].

O meio não define necessariamente o indivíduo, mas pesa sobre ele por estruturar as interações sociais e definir o que é aceitável ou não. Capacita o indivíduo a ajustar suas ações e reações, bem como suas expectativas. Qualifica-o a interpretar situações pela linguagem e o utiliza como instrumento reprodutor de formas de ser e estar perante os outros membros da comunidade.

3. Israel e Jesus na formação das identidades coletivas

A Bíblia trata de grupos sociais e de comunidades inteiras a partir da concepção que os próprios grupos atribuíam a si. Desde o surgimento da cidade que Caim fundou com o nome de seu filho Enoque, os indivíduos sempre buscaram a agregação social, mesmo dentro da realidade nômade. Seja o sistema tribal ou a noção de nação ou povo descendente de um ancestral apenas, ou até mesmo a ideia de reino, as comunidades da Bíblia são relatadas como uniformes e homogêneas em suas práticas sociais, governo, religião. Isto lhes deu a capacidade de perpetuarem-se no tempo e constituírem um ethos próprio que serviu para sua caracterização.

É justamente desta característica humana de necessidade de organização social reguladora das identidades que Deus desenvolve um plano de redenção humana. São os homens, a partir do como se organizam e da forma de pertença, que cooperarão com os propósitos divinos para a revelação da identidade de Deus e de sua intervenção nas identidades humanas.

Não é por acaso que Deus disse a Moisés: “Eu sou o que sou” (Êxodo 3.14). Isto implica várias coisas, entre elas: autoimagem, diferenciação, agencialidade, intervenção objetiva, intencional e racional na

realidade dos homens, propósito de existência e lugar de existência (ainda que o que Ele é ultrapasse a realidade dos homens). Esta é uma prova inexorável contra o panteísmo, o estoicismo e o deísmo.

A obediência de Abraão ao chamado divino de sair de sua terra e parentela era o início de um processo de construção de uma linhagem que daria origem a um povo, capaz de dar sentido de pertença e por consequência modelar identidades de milhões de indivíduos. As implicações de Gênesis 12:1-3 são nitidamente identitárias. Do clã abraâmico, às tribos descendentes no Egito pré-êxodo até à noção de povo de Israel constituído diante de uma constituição (Lei), de um poder político (monarquia), de um território (Canaã) e de uma religião (Templo e sacerdócio), Deus delineia a história de redenção baseado em pertencas identitárias.

Durante séculos Deus, ao exercer sua escolha soberana, chamou os descendentes de Abraão de “meu povo” e se referia a si como o “seu Deus” (Gênesis 17.7; Números 15.41; Deuteronômio 7.6; Êxodo 29.45; Levítico 22:33; Ezequiel 14.11; Zacarias 8.8; Jeremias 7.23). Como resposta a esta gênese identitária temos expressões como no Salmo 100.3 *“Reconheçam que ele é o nosso Deus. Ele nos fez e somos dele: somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio”* (Bíblia NVI). Portanto as origens estão muito bem claras para o indivíduo, tudo começa em Deus e se perpetua pela nação que sai dos pais Abraão, Isaque e Jacó.

Este foi um longo processo de construção da identidade de Israel, pertencer a esta nação significava partilhar de uma aliança profunda com o Criador do universo sem precedentes. A cultura, a religião, a política, a gastronomia, as relações sociais, a utilização da terra, a língua, a poesia, a música, as festas, tudo remetia a um relacionamento com Deus. Isto também implicava na diferenciação dos outros povos e na exclusividade dos benefícios da pertença. A consciência identitária manifestada individual e coletivamente permitiria a benção, no entanto isto ainda era uma escolha.

Enquanto Deus utiliza profetas para chamar a atenção da natureza da pertença que cada indivíduo israelita deveria manifestar *“E habitareis na terra que eu dei a vossos pais e vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus”* (Ezequiel 36:28), o povo vai se desvinculando de seu criador e abre a possibilidade, como consequência, da perda da terra, do rei e do templo, para serem levados em cativo para Babilônia.

Esta crise identitária revelou-se um tanto quanto ambígua, pois de volta à terra prometida houve uma reorganização social e religiosa baseada não só na Lei, mas na sua interpretação rabínica. Agora não bastava o Templo para manifestar a prática da devoção ao criador da nação, mas a Sinagoga será a grande escola para situar o ethos em torno de Jeová e dos rituais e escritos “extras”. O grande problema desta nova forma de se situar identitariamente, foi que Judá escolheu institucionalizar os elementos adicionais da identidade valorizando-os e esvaziando o sentido de quase toda a Torá, centralizando o Talmude. Desta forma surge o judaísmo como expressão do pacto, o qual encontrará fortes críticas de Jesus Cristo.

Dunning (2019) afirma:

O povo de Israel tomou primeiro a forma de uma teocracia, a qual com o tempo se desenvolveu em uma monarquia, por iniciativa do povo e não de Deus. O Senhor se adaptou a estes desenvolvimentos políticos e eles deram forma às formulações teológicas da religião de Israel. Cedo, no período da monarquia surgiu a ideia de um Templo; e ainda que isto, tal como a própria monarquia, não tenha sido ideia de Deus, tornou-se um elemento de influência na sua compreensão teológica. Infelizmente estas características acidentais da fé de Israel, embora servindo como fatores de influência na formação da sua teologia, tornaram-se na sua razão de ser. Ao longo de grande parte de sua história, Israel tinha a tendência de preocupar-se mais com a sua vida nacional e o seu sucesso político do que com o significado teológico da sua existência. Quando estes dois se juntaram de forma ilegítima, serviram para perverter totalmente o propósito da sua eleição.[...] Eventualmente a institucionalização das características acidentais da sua religião foi um fator principal da destruição dos reinos, primeiramente do Norte e depois do Sul e, finalmente, levou à rejeição do seu Messias, que desafiou o seu institucionalismo egocêntrico com o princípio “pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á (Mt 16.25). Recusando-se a seguir o caminho do serviço, perderam o seu lugar ao tentar preservá-lo. (pp. 491,492)

Jesus Cristo teve como incumbência revelar sua identidade à humanidade, conectando-a diretamente ao Pai. Para o poder religioso de seus dias a declaração de Marcos 14.62 foi extremamente escandalosa: Ele era o Messias e exercia papel divino ao lado do Pai. Em uma ocasião Jesus Cristo perguntou aos seus discípulos: *“Quem os homens dizem que o Filho do homem é?”* (Mateus 16.13). Ele perguntou, não porque dependesse da opinião dos homens, mas queria formar sua própria identidade na vida dos discípulos. Podemos dizer que a lição teve grande resultado. Todas as vezes que Jesus utilizou as expressões “eu

sou” e “eu não sou”, foram conceituações reveladoras da sua própria identidade, e consequentemente da identidade da Trindade como Deus supremo.

Jesus não teve nenhum problema ao afirmar para os fariseus de sua época, em João capítulo 8, que eles não tinham por pai a Abraão, mas sim ao diabo. Isso foi uma apunhalada considerável na base que sustentava a salvação por consanguinidade e hereditariedade das consequências do pacto ou da aliança abraâmica. O pecado nos corações daqueles legalistas, que exigiam a reparação do adultério pela morte da mulher, foi revelado e deu motivo para a grande questão da identidade do judeu – a paternidade referida em Isaías 64.8. A identidade estava sendo ressignificada pela característica pessoal do relacionamento firmado em uma fé inabalável entre um Pai genealógico (Abraão -que não dependia da Lei e nem de suas exigências para manter seu estado de escolhido e abençoado) e um Pai espiritual. Mais ainda, a capacidade de afirmar a identidade no Pai espiritual passa necessariamente pela relação intensa e profunda com o seu Filho – o Messias.

Não é pequena a pretensão de Jesus Cristo ao começar sua obra de edificação na vida de um indivíduo que acabou de ter os seus pecados perdoados e experimentou da salvação eterna pela graça e atuação do Espírito Santo. Quando Cristo convidou os discípulos a serem pescadores de homens, estava propondo intervir profundamente nas bases de sua existência. Era uma mudança ontológica não causada apenas pela mudança da atividade, mas na descoberta de um novo EU que iria lidar com o OUTRO a partir da presença permanente de Jesus Cristo.

Os comandos “*negue-se a si mesmo*” (Lucas 9.23) e “*Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração*” (Mateus 11.29) são convites a um processo de reconstrução identitária que tem implicações eternas, pois o sujeito está aprendendo a viver sua nova identidade no Reino que será manifesto na Nova Terra.

As palavras de Paulo têm implicações profundas quando diz: “*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*” (2 Coríntios 5:17). Também Paulo compreende que Cristo necessita tomar lugar na constituição integral do indivíduo incluindo sua identidade ao dizer em Gálatas 4.19 “*Meus amados filhos, novamente estou sofrendo como que com dores*

de parto por vossa causa, e isso até que Cristo seja formado em vós”.

A novidade de vida no cristão implica mudanças na sua autoimagem, e consequentemente a identidade como referência de autoconhecimento e autoafirmação ganha uma força capacitadora vinda do Espírito Santo, convencendo do pecado, da justiça e do juízo, e que transforma estruturas dos valores morais e sociais e manifesta-se em ações santas. No entanto, os desafios deste processo de formação de Cristo no indivíduo tornam-se especialmente conflituosos por duas razões: é um processo e o indivíduo permanece no contexto em que vive – a sociedade humana decaída e em trevas.

As análises de teóricos atuais (como a vida líquida, amor líquido e modernidade líquida de Bauman) que revelam as fragmentações das identidades, a perda das referências tradicionais e a influência do relativismo e das redes sociais na construção das identidades, não são suficientes para enfraquecer a construção da identidade de um cristão. Na percepção de Paulo em Colossenses 3, com a atuação direta do Espírito Santo no homem interior o novo indivíduo, consciente de que já morreu e ressuscitou com Cristo, procura as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantém o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas, pois ele está seguro que deve fazer morrer tudo o que pertence à sua natureza terrena: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria. Ainda mais profundo que isto, para Paulo deve haver uma influência da mente de Cristo de tal forma que o apóstolo exclama: *Cristo em vós, a esperança da glória* (Colossenses 1.27).

Contudo, essa identidade não tem apenas como base o relacionamento do indivíduo com Jesus Cristo pelo Espírito Santo e que o faz filho de Deus Pai, está vinculada estreitamente à nova comunidade da qual faz parte: a Igreja.

4. A Igreja como a comunidade dos santos: referência identitária

A perspectiva coletiva da fé é parte integrante da nova criação em Cristo. John Wesley afirmou que “*o Cristianismo é essencialmente uma religião social; e transformá-lo em uma religião solitária é na realidade destruí-lo*” (BARIERI, p.9). A ideia é de que a salvação em Cristo Jesus capacita o indivíduo não só a identificar-se com Cristo, mas atuar como Cristo com outros iguais (com a noção consequente da diferenciação e da exclusividade) dando sentido às

metáforas utilizadas para a Igreja, como Corpo de Cristo, Reino, a Assembleia (*ekklesia*), o Reino. Em Efésios 4 Paulo apela às relações sociais dos santos baseadas na unidade dos fundamentos colocados por um só Deus e Pai de todos. O objetivo é claro: “*para que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo*”.

As características coletivas atribuídas aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó encontradas em Êxodo 19.5-6; Deuteronômio 7.6; 14.2; Oseias 1.10; 2.23; são resgatadas e aplicadas à Igreja de Cristo pelo apóstolo Pedro ao declarar: “*Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam*” (1 Pedro 2:9,10).

O quanto um israelita era “mais” israelita? No período da travessia do deserto rumo à terra de Canaã, ou no período dos juízes? Ou seria no período dos anos do reinado de Davi? Haveria alguma diferença na consciência identitária coletiva entre israelitas no Egito vivendo sem a Lei de Moisés e os israelitas divididos politicamente em dois reinos? Em nenhum período histórico os descendentes de Abraão ficaram alheios à sua origem, propósito, missão e função. Em cada período foram agregados mais elementos da parte de Deus para aperfeiçoar a manifestação da identidade como povo de Deus. As falhas no propósito, missão e função vieram pela troca das prioridades, e não pelas diferentes formas assumidas de representação desta origem (clã, tribo, povo e reino). Em todos os momentos os indivíduos construíram sua identidade individual e coletiva a partir da revelação que recebiam de Deus seja em tábuas da lei ou pela palavra de um profeta, e a manifestavam segundo aspectos culturais do seu tempo. O mesmo ocorre com a Igreja.

Uma vez compreendido que tanto a atuação de Cristo quanto da comunidade dos santos na vida do cristão influencia a construção de sua identidade, torna-se consequente o raciocínio de que a Igreja como corpo social é uma realidade nos tempos e espaços históricos. A urgência da volta de Cristo retratada no Novo Testamento, a celebração da ceia do Senhor, o batismo dos novos cristãos deve ser incorporado por cada membro do seu Corpo como práticas significativas e significantes independente do

tempo ou do contexto, no entanto o ósculo santo, a venda das propriedades para o bem comum, a necessidade de lançar sorte para escolha de liderança foram deixados de lado por não serem essenciais à função. Consequentemente, a Igreja de Cristo tem assumido formas de organização diferentes ao longo de sua história, institucionalizando seu governo e suas práticas, nem por isto os cristãos deixaram de reconhecerem que, por serem lavados no sangue do Cordeiro e manterem a comunhão com o Senhor da Igreja, pertenciam ao Reino, ao Corpo, à Família da fé espalhada pelo mundo.

É muito interessante a análise de Ray Dunning (2019) quando afirma:

Somente quando distinguimos as formas transitórias da Igreja da sua essência permanente, mas não imutável, é que podemos ter um vislumbre da Igreja real. A essência da Igreja deve, portanto, ser sempre encontrada na sua forma histórica e a forma histórica deve ser sempre entendida à luz da e com referência à essência. [...] Isto implica que todos os movimentos de restauração estão fora do propósito quando identificam a essência da Igreja com as suas formas de adoração ou estrutura(s) ou práticas organizacionais. Eles estão a tentar recuperar a crosta quando o verdadeiro espírito de restauração procura recuperar “a simplicidade e o poder espiritual manifestos na Igreja Neotestamentária (Manual da Igreja do Nazareno 2017-2021 §19). [...] A natureza funcional da igreja tem prioridade sobre a forma da igreja e dita as características institucional (p. 513).

A identidade do Cristão passa por saber sua origem, relacionar-se com a Trindade, manter uma vida santa, comprometer-se com a comunidade dos santos para expressar e alimentar sua fé e “*fazer discípulos à semelhança de Cristo nas nações*”.

5. A Identidade Nazarena frente à sociedade fragmentária

É inquestionável o fato de que cada indivíduo é imbuído de um emaranhado de identidades. A identidade genética, os costumes familiares e comunitários, a identidade sexual, a nacionalidade, a religião, a identidade cultural e etc., são em alguma medida herdadas, modeladas, formadas e fortalecidas ao longo da vida de alguém. Bauman afirma que as identidades “flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (2005, p. 19). É esse conjunto de características que torna alguém reconhecidamente parte de um grupo e que o distingue de outros.

Dessa forma, tanto sociedades como instituições, organizações e empresas, também possuem

identidades que as distinguem de outras; é a partir daí que desenvolvem a sua marca. Ademais, é a identidade formada e desenvolvida que permite a transmissão dos valores pelos quais irão se firmar compromissos, níveis de qualidade e confiabilidade e, por fim, receberá reforço daqueles que trabalham na instituição.

Em termos eclesiais, não é diferente. As igrejas ou comunidades locais, são compostas por membros que comungam das mesmas características formando uma comunidade cuja identidade deriva do próprio Cristo vivo. Numa perspectiva maior, cada comunidade está diretamente ligada à comunidade de todos os santos; a uma, santa, universal e apostólica Igreja de Cristo. Isso quer dizer que os seus valores, história e práticas, são características que a identificam com o seu criador.

Dito de outra maneira, as igrejas visíveis, espalhadas ao redor do globo terrestre, compõem a Igreja invisível cujos membros têm o seu nome escrito no livro da vida e, conseqüentemente, são imbuídos de dupla identidade: a primeira, ser o povo de Deus redimido e reunido com o objetivo de adorá-lo e, a segunda, está relacionada à sua missão – anunciar as boas novas ao mundo. Isso, traz à comunidade um sentimento de pertencimento, um propósito de vida e uma missão previamente estabelecida pelo dono.

Dada a complexidade dos componentes formativos de uma identidade, seja ela individual ou comunitária, não deveria ser surpresa para o estimado leitor a multiplicidade e heterogeneidade das igrejas e denominações encontradas no Brasil, especialmente devido à sua diversidade cultural, religiosa, étnica e social.

E, adjunto à complexidade do tecido social brasileiro, existem diversos outros desafios que a Igreja do Cristo tem de enfrentar, como o individualismo, o relativismo, ativismo ateu nas universidades, os transtornos de ansiedade e depressão, o suicídio, o desemprego, a violência doméstica, e a pandemia da COVID-19. A seguir, pretende-se demonstrar o porquê esses problemas sociais devem ser motivo de atenção, discussão e respostas da Igreja.

6. A igreja de Cristo como parte no tecido social

É motivo de inúmeras discussões e estudos o nome ou a forma adequada de se dirigir à segunda metade do século XX até os dias atuais. Para alguns, a maneira correta é classificar como modernidade tardia, para outros, ainda modernidade, um outro

grupo prefere chamar de hipermodernidade e, por fim, existem aqueles (inclusive os autores deste artigo) que caracterizam o presente como pós-modernidade. Seja qual for a nomenclatura utilizada, o fato é que uma de suas marcas mais evidentes é o individualismo. O individualismo, companheiro inseparável do relativismo, traz a ideia de que as "outras pessoas têm obrigação de não interferir" daquilo que alguém deseja - a autorrealização e a autossatisfação são as únicas coisas que importam (ROWLANDS, 2008, p. 17). O autor continua: "ninguém pode criticar você pelo modo como vive sua vida. Assim como você não pode criticar ninguém pelo modo como escolheram viver. Todas as escolhas têm seu valor" (ibid., p. 18).

Somada ao individualismo está a narrativa da autenticidade. Não basta ao indivíduo ter autonomia nos seus desejos, é preciso que seus desejos sejam autênticos, que passem única e exclusivamente pelo próprio indivíduo. E, aqui, encontra-se o grande perigo. Quando uma pessoa toma uma decisão ou caminho errado, ela perde suas referências e não tem onde se ancorar, visto que a sociedade é líquida. Por isso, a importância de uma instituição com processos (marcos) bem definidos. A subjetivação retira do indivíduo o senso de comunidade e de pertencimento, ou seja, as coisas passam a ter o centro cada vez mais no sujeito (TAYLOR, 2013, apud RIBEIRO, 2012) e, uma vez que o significado das coisas foi individualizado e interiorizado, os dogmas, os costumes, as instituições, ficam cada vez mais distantes e irrelevantes - cresce a impaciência e a intolerância do indivíduo com as estruturas externas, formas institucionais e, principalmente, as tradicionais. Este, é o bem maior do indivíduo pós-moderno. "O homem religioso nasceu para ser salvo; o homem psicológico nasceu para ser agradado", declara Philip Rieff (1966 apud CALDER, 1999, p. 29).

A crise de identidade provocada pela pós-modernidade nasce da crise de pertencimento. Bauman (2005, p. 25) explica que "não que se tratasse de pessoas particularmente obtusas e de imaginação limitada. Afinal de contas, perguntar quem você é só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo". A crise de pertencimento torna líquidas as relações que, por sua vez, tornam cada vez mais frágeis as âncoras que fixam tradições e culturas e, como um efeito dominó, cria uma religião cada vez mais individualizada (PORTELLA, 2006). Conseqüentemente, há um crescente desapego e descrédito por parte dos indivíduos em relação às

instituições. Não se presume mais a existência de certa fidelidade institucional.

Quando utiliza a expressão mundo líquido, Bauman (2011, p.7) comenta que "tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança" e "o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado". É com essa mentalidade que a igreja tem de lidar sem, no entanto, negociar os valores bíblicos.

Acrescenta-se a isso uma forte tendência hedonista, cujo único alvo de muitas pessoas é ter uma vida repleta de prazer, sem ter de experimentar a dor. De acordo com a escola filosófica hedonista, "a única coisa que faz a vida valer a pena é o prazer: o prazer e a ausência de dor" (ROWLANDS, 2008, p. 185). A triste realidade é que muitos cristãos querem os benefícios da salvação em Jesus (prazer), mas não querem o ônus de uma vida digna da vocação com que foram chamados (dor). Jesus preveniu os seus seguidores: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lc 9.23).

Recentemente, a OMS (Organização Mundial de Saúde) indicou o Brasil tendo o maior número de pessoas com transtorno de ansiedade no mundo e o quinto em número de pessoas depressivas³. Neste mesmo artigo publicado pela USP, Gabriel Santos aponta que um estudo realizado pela BBC Brasil, relatou um aumento de 27,2% da taxa de suicídio de jovens em período de 24 anos (1980-2014). Um relatório da página do Senado indica que "o suicídio é a sexta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil" e que "foram registradas 80,3 mil mortes por suicídios no país"⁴.

Outro estudo releva a saúde espiritual dos jovens nas universidades. Apenas um em cada dez jovens de 18 a 29 anos se consideram cristãos resilientes⁵, ou seja, que permanecessem ativos na igreja enquanto cursam a graduação. Outra pesquisa realizada pelo

Barna Group revela que 70% dos estudantes que ingressam na universidade saem de lá incrédulos⁶, afirma Vaneetha Rendall Risner, autora do livro *Walking Through Fire: A Memoir of Loss and Redemption*.

No livro intitulado *The State of the Evangelical Mind*, Todd C. Ream faz uma afirmação alarmante (2018, p. 100):

Se quisermos encontrar um lugar limite na cultura, onde a identidade evangélica está sendo trabalhada sob algumas das pressões mais incessantes das tendências atuais e muitas vezes contrárias em perspectivas e valores, devemos considerar a experiência de estudantes e professores evangélicos em instituições acadêmicas seculares.

Além dos problemas oriundos da personalidade do indivíduo pós-moderno, a pandemia da COVID-19 amplificou o problema da violência doméstica. Só em São Paulo a Polícia Militar registrou um aumento de 255% no último ano. Quando a estatística é delimitada apenas com relação à violência à mulher, o aumento é 555%⁷.

O desemprego também deve ser levado em conta entre os desafios da igreja. Em um ano de pandemia, o total de desempregados cresceu em 20%. São 14,3 milhões de pessoas, um recorde⁸.

É neste contexto que os cristãos se encontram. Quer alguns queiram, quer não, Jesus não orou para que o Pai retirasse os cristãos do mundo, pelo contrário, ele disse: "não peço que os tire do mundo, mas que os livre do mal" (Jo 17.15). Ademais, ele reiterou que os seus discípulos seriam o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5.13,14).

Destarte, diante desse cenário multicultural, pluri religioso e de múltiplos problemas sociais, seria possível distinguir a igreja do nazareno das demais denominações? Sua estrutura eclesiástica continua relevante na contemporaneidade? Os seus valores servem como pilares ou âncoras para os seus

³ Jornal da USP. Suicídio entre jovem é um problema de saúde pública no Brasil. Disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/suicidio-entre-jovens-e-um-problema-de-saude-publica-no-brasil/>>. Acesso em 26 abr 2021

⁴ Senado Notícias. Suicídio é questão de saúde pública e pode ser prevenido, dizem debatedores. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/26/suicidio-e-questao-de-saude-publica-e-pode-ser-prevenido-dizem-debatedores>>. Acesso em 25 abr 2021.

⁵ Barna. <https://www.barna.com/research/of-the-four-exile-groups-only-10-are-resilient-disciples/>

⁶ Desiring God. Will You Lose Your Faith in College? Disponível em <https://www.desiringgod.org/articles/will-you-lose-your-faith-in-college>. Acesso em 27 abr 2021.

⁷ Folha de São Paul. Explosão de violência doméstica durante pandemia faz PM de SP implantar Patrulha Maria da Penha. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/explosao-de-violencia-domestica-durante-pandemia-faz-pm-de-sp-implantar-patrolha-maria-da-penha.shtml>>. Acesso em 28 abr 2021.

⁸ Brasil de Fato. Brasil registra número recorde de desempregados: 14,3 milhões. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/brasil-tem-numero-recorde-de-desempregados-14-3-milhoes>>. Acesso em 28 abr 2021.

membros? Estas são algumas das perguntas que o presente artigo responde a seguir.

6.1. A importância de uma identidade institucional

Assim como os judeus tinham a Torá como pétrea e a igreja de Atos estabeleceu fundamentos inegociáveis para a sua identidade e prática, a saber, a doutrina dos apóstolos, o partir do pão, a comunhão e as orações (Atos 2.42), da mesma forma, a Igreja do Nazareno – uma instituição global – baseia sua identidade denominacional em cinco componentes principais: sua história, sua teologia, sua organização, missão e seu estilo de vida. Eles, os cinco componentes, garantem a unidade organizacional da igreja na diversidade das culturas; eles funcionam como pilares de sustentação pelos quais a instituição preserva e reafirma a sua identidade. Bauman (2005, p. 27) está certo em dizer que:

[...] uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária. Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional.

A declaração de Bauman é importante pelo fato de trazer sentido à estruturação e organização das instituições, além disso, deixa claro que os estatutos, leis e hierarquias são imprescindíveis para sua subsistência.

Bottomore (1970, p. 88) corrobora com o assunto quando afirma que um grupo social ou comunidade é caracterizado pelas relações definidas entre os membros que o compreendem e pela consciência que seus membros têm do grupo e seus símbolos. Com isso, ele chama atenção para a forma de estrutura e organização dos grupos (a presença de regras e rituais e a base psicológica ou consciência de seus membros. Ademais, para o autor (1970, p. 102), as instituições são caracterizadas por, pelo menos, outros cinco elementos: 1) um sistema de comunicação - nesse sentido, a Igreja do Nazareno se organiza em níveis local, distrital e global, interdependentes; 2) um sistema econômico (representado pelas ofertas e dízimos locais, ofertas e fundos distritais e fundos globais); 3) vocação para a integração de novas gerações e sucessão geracional (assume-se como o discipulado e a educação teológica; 4) um sistema

hierárquico e de distribuição de responsabilidades (observa-se a junta de oficiais e assembleias); e 5) um sistema de rituais (liturgia, incluindo a ceia, batismo, ordenação).

6.2. A Igreja do Nazareno

O último relatório (2020) estatístico da Secretaria Geral, apresentou um número expressivo de nazarenos espalhados pelo mundo, 2.640.216 membros em 6 regiões (África, Ásia Pacífica, Eurásia, Mesoamérica, Sul América e USA/Canadá)⁹. Mais de 31.049 igrejas, sendo que 23.508 são igrejas organizadas. Isso significa que a Igreja do Nazareno tem presença relativamente marcante em quase todos os continentes do globo.

Fundada em 1908, a Igreja do Nazareno é uma igreja centenária que tem espalhado a mensagem de santidade pelo mundo.

6.3. Fundamentação histórica

A Igreja do Nazareno confessa ser uma igreja apostólica. Isso a conecta historicamente com a igreja do primeiro século que, unanimemente, perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações (Atos 2.42).

Ao se dizer apostólica, ela se identifica com o povo de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento; reconhece os credos ecumênicos dos cinco primeiros séculos da era cristã; compromete-se com a pregação da Palavra, “administrando os sacramentos, na manutenção de um ministério de fé e prática apostólicos e nas disciplinas de um viver e serviço semelhantes a Cristo” (Manual, 2018, p. 8). Além disso, como uma igreja protestante, é herdeira de dois grandes despertamentos, o primeiro, ocorrido no Reino Unido e nas colônias da América do Norte entre os anos 1730 e 1770, cuja ênfase recaiu sobre a conversão pessoal, a soberania de Deus e a santidade, o segundo, ocorrido nos Estados Unidos da América entre 1780 e 1840, teve como ênfase a conversão pessoal, mas trouxe consigo outros temas: reforma prisional, movimentos feministas e movimentos abolicionistas (COUTO, 2019, p. 27).

Portanto, é uma igreja histórica e teologicamente wesleyana, cujas raízes estão no Metodismo e no movimento de Santidade do século XIX.

⁹ Nazarene.org. Annual Church Statistical Report 2020. Disponível em <<https://resources.nazarene.org/index.php/s/rYPMYe35ft9Nm9Z#pdfviewer>>. Acesso em 24 abr 2021.

6.4. Teologia

Em termos teológicos mais gerais, a Igreja do Nazareno confessa ser trinitariana, ou seja, crê na existência de três pessoas divinas de mesma essência (união hipostática) - isso, por si só, já a diferencia de outros ramos do cristianismo – e na inerrância das Escrituras (COUTO, 2019, p. 224). É armínio-wesleyana, compreendendo que a ordem da salvação [condicional] se dá pela graça, por meio da fé, arrependimento e regeneração – simultânea à justificação e a adoção; e o testemunho do Espírito quanto à certeza da graça (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 8). Se denominar armínio-wesleyana implica crer numa segunda experiência (ou obra da graça) denominada Inteira Santificação ou perfeição cristã (COUTO, 2019, p. 229).

Além disso, é importante salientar que sua eclesiologia e escatologia são inclusivista e otimista, respectivamente. Inclusivista porque acredita na realidade histórica da igreja. Ela é o corpo de Cristo presente em diferentes culturas e realidades. Essa visão se opõe àqueles grupos exclusivistas que se consideram as detentoras da verdadeira religião e mensagem de Deus. É otimista, por sua visão transformacional da sociedade, ou seja, o evangelho transforma o homem e, este, transforma o ambiente à sua volta (COUTO, 2019, p. 235).

6.5. Organização e governo

Desde o seu nascimento, a Igreja do Nazareno adotou uma forma de organização e governo que proporcionasse a participação do clero e dos leigos e, ao mesmo tempo, promovesse, em termos de administração, certa autonomia às comunidades locais. A esta forma de governo dá-se o nome de representativa. Por outro lado, ela se organiza de forma local, distrital e geral, para a garantir que sua estratégia missionária não seja comprometida. Os dois principais objetivos para a escolha desse modelo de governança são: 1) permitir que cada igreja local tenha o direito de escolher o seu próprio pastor, bem como os demais membros que comporão a junta de oficiais da igreja que farão a sua própria gestão das finanças e 2) evitar o abuso de autoridade por parte do clero, comprometendo a sua missão.

6.6. Valores, missão e estilo de vida

Somos um povo cristão é o primeiro dos três valores essenciais da Igreja do Nazareno. Com essa afirmação, a denominação se submete à Grande Comissão de proclamar Jesus Cristo como Senhor de todas as coisas e se compromete com o ministério da reconciliação, 2Co 5.18 (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 13). Além disso, chama para si a responsabilidade de testemunhar o caráter e vida de Cristo ao mundo.

A palavra cristão é carregada de significado para os crentes, especialmente, no seu surgimento. A primeira ocorrência é em Atos 11.26, onde se lê: "*em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos*". Naquela época, os discípulos já haviam causado uma espécie cisma no judaísmo; alguns os chamavam de "o Caminho" (At 19.23), outros, os denominavam seita dos nazarenos. Mas agora que muitos gregos haviam se convertido, esses rótulos já não cabiam. Então, se estes são seguidores (discípulos) de Cristo, falam como Cristo, se relacionam como Cristo, vivem como Cristo, só podem ser cristãos. A despeito do apelido ser carregado de desprezo e ódio (At 24.5) e, mais tarde, um sinônimo de punição¹⁰, ele foi rapidamente solidificado.

O evangelista Lucas usou de uma precisão cirúrgica no registro dessa nova etapa da igreja do primeiro século. Ali, é o surgimento de um novo grupo. Lucas deixa claro que os discípulos-judeus, ainda tinham a mentalidade judaica: "Deus está conosco. Não fomos chamados para pregar aos gentios. A igreja é nossa e é Deus quem vai trazer os gentios - eles, vão se adequar à nossa maneira de viver". Por isso, o texto sagrado diz que os judeus não anunciavam "*a ninguém a palavra senão somente aos judeus*" (At 11.19). Mas, a narrativa segue dizendo que havia cipriotas e cirenenses entre eles e, estes, anunciaram aos gregos.

Essa nova congregação de crentes transpôs uma separação que homem nenhum conseguiria transpor: judeus e gentios, circuncisos e incircuncisos, os ditos puros e impuros; vivendo, comendo e orando juntos, sem nenhuma diferença entre eles, em pé de igualdade. Por amor ao Senhor.

Esta é a primeira igreja multicultural da história. Por isso, é adequado que sejam chamados cristãos. Fora derrubado o muro de separação (Ef

¹⁰ Na correspondência entre o imperador Trajano e seu governador Plínio no ano de 111–113 d. C. já se aborda a pergunta se o simples nome de cristão como tal era merecedor de punição (BOOR, 2002, p. 174)

2.14) entre ricos e pobres, homens e mulheres, escravos e livres, gregos e bárbaros. Uma impossibilidade sociológica, superada pelo Espírito de Cristo.

Um só corpo e um só Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um único batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos (Ef 4.4-6). "Afirmamos a unidade da Igreja de Cristo e nos esforçamos, em todas as coisas, por preservá-la (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 14). Por isso, a Igreja do Nazareno se identifica como um povo cristão.

Somos um povo de Santidade. Eis aqui o grande fio condutor que aproximou e uniu diversos grupos, associações e denominações no século XIX. Uma vida de santidade é a grande marca, o grande tema, o inegociável e insubstituível valor basilar da Igreja do Nazareno e das demais denominações provenientes do movimento de santidade do século XIX (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 14).

O Eu Sou que por mais de setenta vezes¹¹, se revelou especialmente santo ao seu povo, requer dele, o seu povo, santidade. Assim, Ele mesmo proporciona meios (de graça) para realizar essa obra em seu povo.

Subsequente à obra de salvação realizada por Deus no crente, a Igreja do Nazareno crê que existe uma segunda obra da graça que empodera o crente para um viver santo. Em resposta à sua fé e através de uma profunda devoção pessoal, professamos que Deus o liberta do pecado original (inato) ou da depravação total, operando nele uma mudança de natureza e proporcionando uma inteira devoção e santa obediência do amor tornado perfeito (IGREJA DO NAZARENO, 2018, p. 22). Orton Willey (1990, p. 370) e Phineas Bresee, concordam na interpretação de Mateus 3.11c,12 atribuindo o pecado original à palha que, naturalmente, se apega ao trigo, e o fogo ao Espírito Santo, que queima a palha - purificando e libertando o trigo: "ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará".

Wiley e Culbertson explicam que a palavra santo ou santidade traz a ideia de algo separado, consagrado, limpo ou purificado. Eles acrescentam que a inteira santificação é a "purificação de todos os inimigos de Deus presentes na alma" (CULBERTSON; WILEY, 1990, p. 352).

Além de uma vida santa e em comunhão com o Senhor, outras duas finalidades do batismo com o Espírito Santo são o já mencionado empoderamento para o serviço cristão e a total submissão ao Senhor. E é nesse sentido que podemos chamá-lo de teleológico, ou seja, a inteira santificação possui uma finalidade, um propósito. Wesley chama isso de perfeição cristã - assunto para ser discutido noutra oportunidade.

E, por fim, *somos um povo com uma missão.* De forma estrita, a missão da Igreja do Nazareno é fazer discípulos à semelhança de Cristo nas nações, no entanto, de forma mais ampla, a denominação se apresenta como "uma igreja da Grande Comissão" (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 14). Como uma comunidade global de fé comissionada "a levar as Boas Novas de vida em Jesus Cristo às pessoas em toda parte e espalhar a mensagem de santidade bíblica (vida à imagem de Cristo) pelo mundo" (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 17). Na sua declaração missional, percebe-se um compromisso ainda maior que inclui, além do evangelismo e do discipulado, a santificação, a compaixão expressa a todas as pessoas, a adoração e "o serviço cristão através da educação cristã de ensino superior" (NAZARENO, 2015, p. 14).

Como wesleyanos, a Igreja do Nazareno assume o chamado missional na sua integralidade. Nas casas, nos locais de trabalho, em comunidades ou em povoados, noutras cidades ou países, os ministérios nazarenos têm se dedicado, desde sua fundação, ao evangelismo, aos ministérios sociais - como por exemplo em campanhas contra a fome na Índia, criação de orfanatos, casa de maternidade, construção de hospitais e etc. (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 12) - e educação (investindo desde a educação básica até à superior) "através da cooperação mútua de missionários transculturais e milhares de pastores e obreiros leigos que têm contextualizado os princípios

¹¹ 1Pedro 1.15; 1Pedro 1.16; 1Samuel 2.2; 1Samuel 6.20; 2Pedro 3.11; 2Reis 19.22; Apocalipse 15.4; Apocalipse 16.5; Apocalipse 20.6; Apocalipse 4.8; Apocalipse 6.10; Atos dos Apóstolos 10.22; Atos dos Apóstolos 4.27; Atos dos Apóstolos 4.30; Ezequiel 39.7; Habacuque 1.12; Habacuque 3.3; Isaías 1.4; Isaías 10.17; Isaías 10.20; Isaías 12.6; Isaías 17.7; Isaías 29.19; Isaías 29.23; Isaías 30.11; Isaías 30.12; Isaías 30.15; Isaías 31.1; Isaías 37.23; Isaías 40.25; Isaías 41.14; Isaías 41.16; Isaías 41.20; Isaías 43.14; Isaías 43.15; Isaías 43.3; Isaías 45.11; Isaías 47.4; Isaías 48.17; Isaías 49.7; Isaías 5.16; Isaías 5.19; Isaías 5.24; Isaías 54.5; Isaías 55.5; Isaías 57.15; Isaías 6.3; Isaías 60.14; Isaías 60.9; Jeremias 50.29; Jeremias 51.5; Jó 6.10; João 17.11; Josué 24.19; Levítico 11.44; Levítico 11.45; Levítico 19.2; Levítico 20.26; Levítico 21.8; Lucas 1.35; Lucas 1.49; Oséias 11.12; Oséias 11.9; Provérbios 30.3; Provérbios 9.10; Salmo 111.9; Salmo 22.3; Salmo 71.22; Salmo 78.41; Salmo 89.18; Salmo 99.3; Salmo 99.5; Salmo 99.9.

Wesleyanos dentro de suas respectivas culturas" (IGREJA DO NAZARENO, 2015, p. 17).

Também é importante registrar que a Igreja não é sectária, ou seja, os nazarenos não advogam para si a prerrogativa da ineditibilidade em sua forma e nem exclusividade em seu conteúdo (mensagem), pelo contrário, ela une aos demais cristãos protestantes em sua obediência à Grande Comissão. Portanto, a proposta do artigo passa pela reflexão sobre a sua identidade histórica transcultural, examinando a sua relevância para o século XXI.

Em seu sermão 38¹², Wesley faz uma exposição do texto de Marcos 9.38,39 - passagem em que os discípulos proibiram um homem de expulsar demônios porque este não fazia parte do grupo -, reprovando o comportamento sectário de muitos de seus contrários. No período, os irmãos Wesley recebiam duras críticas a respeito da doutrina bíblica da perfeição cristã e muitas acusações de fanatismo religioso, por causa da vida sistemática e metódica que levavam - daí vem o apelido [pejorativo] que suas reuniões receberam, clube santo. Wesley, então, censura os seus contemporâneos sob o argumento de que, a despeito das diferenças litúrgicas e teológicas, é preciso reconhecer o trabalho de todos quantos se propõem a fazer a obra de Deus, ele explica:

Se queres evitar todo sectarismo, vai além: Em cada exemplo dessa espécie, qualquer que seja o instrumento, reconhece o dedo de Deus, E não somente reconhece-o, mas regozijai-te em sua obra e louva seu nome com ações de graças. Anima a quem quer que seja que Deus se compraza em empregar, para que ele se entregue totalmente à tarefa. Onde quer que estiveres, fala bem desse homem; defende seu caráter e sua missão. Alarga, tanto quanto possas, seu campo de ação; mostra-lhe todo agrado em palavras e em obras; e não te canses de rogar a Deus em seu favor, para que o Senhor salve tanto a ele próprio como a seus ouvintes.

Até mesmo os seus seguidores metodistas estavam tendenciosos ao sectarismo devido aos fortes embates teológicos da época. Noutro sermão (39)¹³ sobre a catolicidade do Espírito, Wesley afirma: "ambos devemos agir segundo cada um esteja persuadido em sua própria mente. Guarda firmemente aquilo que crês seja mais aceitável a Deus e eu farei o mesmo".

7. Conclusão

Indivíduos se associam à Igreja do Nazareno voluntariamente, e desta forma estabelecem vínculos e pertenças. Reconhecem que a organização que a institucionalização promove, facilita e não prejudica o seu caráter, função e missão. Assim como o avivamento da Inglaterra beneficiou-se do método dos Wesleys, a Igreja do Nazareno procurou e ainda procura seus próprios métodos (ainda que inspirados na primeira organização mãe) para ser fiel aos desígnios de Deus.

Um indivíduo é nazareno porque a sua compreensão teológica e bíblica fundamenta completamente suas ações e ministérios. Os nazarenos são inclusivos pelo amor e exclusivos pelas exigências da Palavra de Deus. Não são ramo separado, são mais um ramo florescente da videira verdadeira que alimenta outros ramos com a mesma seiva.

A identidade nazarena na sua íntegra corre perigo quando as ações dos nazarenos tomam por base qualquer outra identidade que não seja fiel ao Fundamentos Nazarenos organizacionais, doutrinários e éticos representados pelo Manual, fruto de mais de 100 anos de discussões teológicas e administrativas de seus representantes. Graças a ele a denominação não é uma instituição estática, um monumento que faz somente de sua história a base de sua existência identitária. Os nazarenos são globais, têm histórias globais de fundadores em todos os continentes, têm teologia sendo elaborada em todas as instituições educacionais engajadas em formar novos líderes e dependem do que o Espírito Santo está fazendo nos e através dos nazarenos do século XXI.

Portanto, os autores deste artigo, concordam que a Igreja do Nazareno se distingue das demais denominações quando se mantém fiel a seus valores e a sua missão. Independentemente de narrativas e características regionais, litúrgias, e tecido social, os nazarenos podem se sentir parte de uma única, mas globalizada instituição cujo construto organizacional promove e viabiliza a expansão da mensagem do Reino e que, os seus mais de 100 anos de história, provam a sua relevância e a sua capacidade reformuladora, ou seja, de se reformular em diferentes contextos sociais, étnicos, econômicos, políticos e culturais.

¹² WESLEY, John. Sermon 38 - **A Caution Against Bigotry**. Disponível em <. Disponível em <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-38-a-caution-against-bigotry/>>. Acesso em 24 mar 2021.

¹³ WESLEY, John. Sermon 39 - **Catholic Spirit**. Disponível em <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-39-catholic-spirit/>>. Acesso em 24 mar 2021.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOOR, W. **Comentário Esperança, Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.
- BOTTOMORE, T. B. **Introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- CALDER, Lendol. **Financing the American Dream: A Cultural History of Consumer Credit**. Princeton University Press, New Jersey, 1999.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio. **Interacionismo simbólico, formação do self e educação. Uma aproximação ao pensamento de G. H. Mead**. Educação e Filosofia, v.30, n.59, p.375-403, jan./jun. 2016.
- CULBERTSON, Paul T.; WILEY, H. Orton. **Introdução à Teologia Cristã**. Casa Nazarena de Publicações, São Paulo, 1990.
- DUNNING, H. Ray. **Graça, fé e santidade. Uma Teologia Sistemática Wesleyana**. Campinas, SP, Nazalivros, 2019.
- Igreja do Nazareno. **Fundamentos Nazarenos: quem somos, o que cremos**. Church of the Nazarene Inc, 2015.
- Igreja do Nazareno. **Manual 2017-2021: História, constituição, governo e ritual**. Nazalivros Publicações Brasil, 2018.
- MORESCO, Marcielly Cristina; RIBEIRO, Regiane. **O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos. Um resgate teórico**. Animus, Revista Interamericana de Comunicação Mediática. Vol. 14 Nº 27, 2012.
- MUNARI, Alberto. **Jean Piaget** tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- PAULINO-PEREIRA, F. C. **Psicologia Social e Identidade Humana: A militância social como luta emancipatória**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- PERRUSI, A. (2009). **Vocação, identidade e individualismo**. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, 27, 81-97. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6804>
- PORTELLA, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade Da ciranda entre religião e secularização. **Revista de Estudos da Religião**, n2, 2006, pg. 71-87
- REAM, Todd C.; PATTENGALE, Jerry, DEVERS, Christopher J. **The State of the Evangelical Mind: reflections on the past prospects for the future**. IPV Academic, Illinois, 2018.
- RIBEIRO, Elton Vitoriano. **Ética na filosofia de Charles Taylor**. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre, ISSN 1984-9052. vol 04, n. 09, 2012.
- ROWLANDS, Mark. **Tudo o que sei aprendi com a TV: a filosofia nos seriados de TV**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20
- VELHO, Gilberto **Individualismo, anonimato e violência na metrópole**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 15-29, jun. 2000
- WESLEY, John in: UBERTO BARIERI, Sante. **Aspectos do Metodismo Histórico**.
- ZANATTA, Mariana Scussel; **Nas teias da identidade. Contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica perspectiva**, Erechim. v.35, n.132, p.41-54, dezembro/2011.